UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA – POLÍTICAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

VIVÊNCIAS PERCEPTIVAS COM A INFÂNCIA NOS ESPAÇOS DA ESCOLA E DO MUSEU – UMA EXPERIÊNCIA

KARINNA ALVES CARGNIN
ORIENTADORA:
Profa. Dra. SILVIA SELL DUARTE PILLOTTO

Joinville – SC
2016

KARINNA ALVES CARGNIN

VIVÊNCIAS PERCEPTIVAS COM A INFÂNCIA NOS ESPAÇOS DA ESCOLA E DO MUSEU – UMA EXPERIÊNCIA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Linha de Pesquisa: Políticas e Práticas Educativas. Orientadora: Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto.

Joinville – SC

2016

Catalogação na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

Cargnin, Karinna Alves

C276v Vivências perceptivas com a infância nos espaços da escola e do museu: uma experiência / Karinna Alves Cargnin; orientadora Dra. Silvia Sell Duarte Pilotto. – Joinville: UNIVILLE, 2016.

110 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade da Região de Joinville)

1. Educação infantil. 2. Artes e crianças. 3. Museus e escolas. I. Pilotto, Silvia Sell Duarte (orient.). II. Título.

CDD 372.21

Termo de Aprovação

"Vivências Perceptivas com a Infância nos Espaços da Escola e do Museu Uma Experiência"

por

Karirna Alves Cargnin

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestra em Educação, aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Educação.

Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto
Orientadora (UNIVILLE)

Profa. Dra. Rosiura Campos
Coordenadora do Programa de Mestrado em Educação

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto
Orientadora (UNIVILLE)

Profa. Dra. Mirian Celeste Ferreira Dias Martins
(UPM)

Profa. Dra. Jane Mery Richter Voigt
(UNIVILLE)

Joinville, 06 de fevereiro de 2017

AGRADECIMENTOS

Tempo.

“Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que a fez tão importante”
Antoine de Saint-Exupéry

Agradeço de modo imensurável a todos que dedicaram um tempo precioso de suas experiências, vivências, vida, a caminhar comigo nesse percurso.

Ao sagrado, que com suas energias para o bem movem o mundo,

À minha mãe (*in memoriam*) por seu amor e incansável incentivo que me fizeram aqui chegar e para sempre me acompanham,

À minha família e amigos por perdoarem minhas ausências e desassossegos, mas ainda assim acreditarem, junto a mim, que existem sonhos possíveis,

Aos meus amigos e parceiros de trabalho na Coordenação de Registros Acadêmicos do IFC *Campus* Araquari pelo apoio e compreensão,

À minha orientadora profª Drª Silvia Sell Duarte Pillotto por sua generosidade, escuta atenta e sensível, e empenho em mostrar-me seu encantamento pela pesquisa,

Aos companheiros de investigação e estudos que encontrei no caminho e pelas amizades que floresceram dali. Em especial Daniela Cristina Viana, Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon e Jorge César de Araújo Pires por me despertarem para a dança e para a música,

À profª Drª Mirian Celeste Ferreira Dias Martins, à profª Drª Jane Mery Richter Voigt e à profª Drª Marly Krüger de Pesce por partilharem dessa pesquisa com seus olhares precisos e significativas contribuições,

Ao Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação - NUPAE por provocar inquietações, acompanhar descobertas e apontar outras trajetórias,

Aos participantes voluntários para a pesquisa, equipe e alunos dos CEI Jardim Sofia e MCFA,

Ao investimento do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior – FUMDES do Estado de Santa Catarina pelo apoio financeiro em 2016/2017.

RESUMO

A dissertação *"Vivências perceptivas com a infância nos espaços da escola e do museu – uma experiência",* foi construída no âmbito do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação (Linha de Pesquisa em Políticas Públicas e Práticas Educativas) da Universidade da Região de Joinville/UNIVILLE e no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE. A partir de minha incursão no mestrado e integração no NUPAE, surgiu a seguinte inquietação-problemática: *como se dão as vivências perceptivas com crianças de 4 e 5 anos nos espaços da escola e do museu, a partir de ações de mediação cultural?* As reflexões sobre essa questão me levaram ao seguinte objetivo: *Desenvolver ações de mediação cultural em espaços formais e não formais da educação (escola e museu) com crianças pequenas, identificando como se dão as vivências perceptivas e quais contribuições nos aspectos sensíveis.* Essas reflexões foram construídas nesta dissertação/pesquisa, adotando a cartografia como base teórico/prática, especialmente por esta ser tomada como atitude investigativa, pela qual as experiências se convertem em pistas norteadoras dos processos da pesquisa qualitativa. Assim, as experiências com a infância nos possibilitaram desenvolver ações que buscassem ampliar a sensibilização e o pertencimento das crianças aos espaços culturais, bem como proporcionar práticas nas linguagens/expressões da arte para as crianças em espaços diversificados na escola. Portanto, foi de fundamental relevância a participação das crianças de 4 e 5 anos do Centro de Educação Infantil Jardim Sofia nas experiências relacionadas com ações de mediação cultural na linguagem/expressão das artes visuais, ocorridas no espaço do CEI e agregadas às ações na expedição ao Museu Casa Fritz Alt, tendo como mobilizadoras em um primeiro momento as fotos/imagens e posteriormente as obras do artista. No desenvolvimento e nas argumentações teórico/conceituais acerca do tema, alguns autores nos acompanharam, a exemplo: Passos, Kastrup e Escóssia (2014), Deleuze e Guattari (2010), Duarte Júnior (2010), Martins (2014), Martins e Picosque (2012), Leite (2007, 2011), Darras (2009), Ostrower (2002), Larrosa (2011, 2015), como também a literatura de Calvino (1990), Saramago (1998), Barrie (2013), Colasanti (2005) e outros. Dessa maneira, as experiências por meio das linguagens/expressões das artes visuais se constituíram, integrando as crianças em uma investida de vivências perceptivas e interlocução, compreendendo-as como sujeitos de busca pelo conhecimento. Por fim, apresento os resultados da investigação relacionados a seis pistas cartográficas, destacando a relevância das experiências com as linguagens/expressões da arte e seus atravessamentos nos espaços da escola e do museu como mobilizadores para a ampliação de repertórios e vinculados aos processos de criação. A presente dissertação/pesquisa enfatizou a construção de relações entre os seres humanos, os objetos, as histórias e as memórias; o passado e o presente, procurando conectar as experiências perceptivas com a infância em sua complexidade, articuladas à educação.

Palavras-chave: Práticas Educativas; Criança/Infância; Experiência; Escola; Museu.

ABSTRACT

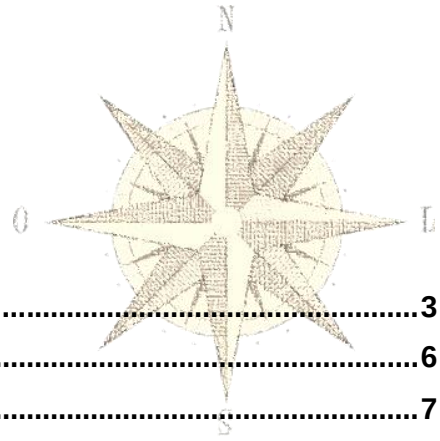
The dissertation "Perceptual experiences with childhood in school and museum spaces - an experience", was built within the scope of the Postgraduate Program - Master in Education (Line of Research in Public Policies and Educational Practices) of the University of the Region of Joinville/UNIVILLE and at the Nucleus of Research in Art in Education - NUPAE. As a result of my foray into the Master's program and integration in NUPAE, the following problematic concern arose: how do the perceptive experiences with children of 4 and 5 years in the spaces of the school and the museum take place, based on cultural mediation actions? The reflections on this question led me to the following objective: To develop cultural mediation actions in formal and non-formal spaces of education (school and museum) with young children, identifying how perceptive experiences are given and what contributions in sensitive aspects. These reflections were constructed in this dissertation/research, adopting cartography as a theoretical/practical basis, especially since it is taken as an investigative attitude, through which the experiences become the guiding clues of the processes of qualitative research. Thus, experiences with childhood enabled us to develop actions that seek to increase children's awareness and belonging to cultural spaces, as well as to provide practices in the languages/expressions of art for children in diverse spaces in the school. Therefore, it was of fundamental relevance the participation of the children of 4 and 5 years of the Jardim Sofia Children's Education Center in the experiences related to cultural mediation actions in the language/expression of the visual arts, occurred in the CEI space and added to the actions in the expedition to the Museum House Fritz Alt, having as mobilisers in a first moment the photos/images and later the works of the artist. In the development and in the theoretical/conceptual arguments about the theme, some authors followed us, for example: Passos, Kastrup and Escóssia (2014), Deleuze and Guattari (2010), Duarte Júnior (2010), Martins (1990), Saramago (1998), Barrie (2013), Colasanti (1990), Lear (2007), Darras (2009), Ostrower (2002), Larrosa 2005) and others. In this way, the experiences through the languages/expressions of the visual arts were constituted, integrating the children in an invested with perceptive experiences and interlocution, understanding them as subjects of search for knowledge. Finally, I present the results of the investigation related to six cartographic tracks, highlighting the relevance of the experiences with the languages/expressions of the art and its crossings in the spaces of the school and the museum as mobilisers for the expansion of repertories and linked to the processes of creation. The present dissertation/research emphasizes the construction of relations between human beings, objects, stories and memories; The past and the present, trying to connect the perceptive experiences with the childhood in its complexity, articulated to the education.

Keywords: Educational Practices; Child / Childhood; Experience; School; Museum.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mamãe e eu 10
Figura 2 – Equipe NUPAE 11
Figura 3 – Encartes de exposições e mostras que a autora recolheu em seus percursos com a arte 13
Figura 4 – As pesquisadoras Karinna, Mirtes e Daniela (direita para a esquerda) 16
Figura 5 – Metáfora do passa anel, com as pesquisadoras Karinna (acima) e Daniela 17
Figura 6 – Ensaio fotográfico, atravessamentos 18
Figura 7 – Ensaio fotográfico, linguagens/expressões das artes 20
Figura 8 – CEI Jardim Sofia 23
Figura 9 – Museu Casa Fritz Alt 24
Figura 10 – Composição de fotos/imagens das crianças nas mediações em artes visuais 30
Figura 11 – Espaço de sala de aula do CEI Jardim Sofia 37
Figura 12 – Conversas no Museu Casa Fritz Alt 43
Figura 13 – Composição das fotos/imagens das obras/vida do artista Fritz Alt..... 44
Figura 14 – Processo criativo de curadoria/expografia, antes, durante e depois..... 45
Figura 15 – Foto/Colagem do mural no CEI – Jardim Sofia 47
Figura 16 – Cadernos de assinatura das crianças..... 48
Figura 17 – Crianças modelando com argila..... 52
Figura 18 – As formas da imaginação na modelagem? 54
Figura 19 – Em outra dimen[som] 56
Figura 20 – Corpo, música e arte..... 57
Figura 21 – Crianças nas mesinhas de assinatura 59
Figura 22 – Mostra Infantil do CEI Jardim Sofia exposta no Museu Casa Fritz Alt 62
Figura 23 – Acolhendo nossos novos tripulantes 64
Figura 24 – Acolhimento musicalizado 65
Figura 25 – Contornando a Pietá e circulando pela sala 67
Figura 26 – Monumento ao Imigrante, réplica em miniatura..... 67
Figura 27 – O quarteto de sopro 68
Figura 28 – Composição com a fotografia do artista trabalhando (esquerda superior) e a garagem/ateliê do artista cheia de olhinhos curiosos, respectivamente 69
Figura 29 – Para que serve isso? Fritz usava isso? Descobertas..... 70
Figura 30 – Roda de conversa/dança/movimento/imaginação 71
Figura 31 – Construindo/marcando histórias em cartões 73
Figura 32 – Crianças brincando na mostra 75
Fonte: Da autora 75
Figura 33 – Despedida do Museu e do CEI 76

SUMÁRIO



AGRADECIMENTOS **3**

RESUMO **6**

ABSTRACT **7**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES **8**

SUMÁRIO **9**

PERCURSO 1. PERCURSOS PESSOAIS, PROFISSIONAIS E TEÓRICOS: DESVELANDO ILHAS DESCONHECIDAS **9**

1.1 Percursos pessoais 9

1.2 Percursos Profissionais 14

1.3 Pesquisas (Entre)laçadas: pensando o outro em mim e o eu no outro 16

1.3.1. Percursos pela arte: ensaio fotográfico 17

1.4 Percursos de uma pesquisa 21

1.4.1 A pesquisa e seus primeiros percursos teóricos 26

PERCURSO 2. HABITANDO A ESCOLA E O MUSEU: POR ONDE ANDAM AS BORBOLETAS? **33**

2.1 Centro de Educação Infantil: que espaço é este? 34

2.1.1 Experiências com a arte no contexto da infância no espaço do Centro de Educação Infantil Jardim Sofia 36

2.2 Museu Casa: que espaço é este? 38

2.2.1 Fritz Alt e suas marcas deixadas pela arte 39

2.2.2 Proposta Educativa no Museu Casa Fritz Alt 40

PERCURSO 3. PROPOSTA CONCEITUAL: SERÁ ESSA A ILHA DESCONHECIDA OU A TERRA DO NUNCA? **42**

3.1 Pensando a Curadoria nos espaços do Centro de Educação Infantil Jardim Sofia: desatando os nós 42

3.2 Vivências e mediação cultural no Centro de Educação Infantil Jardim Sofia 49

3.3 Pensando a Curadoria nos espaços do Museu Casa: a busca do encantamento 61

3.4 Vivências e mediação cultural no Museu Casa Fritz Alt 63

PERCURSO 4. ESCOLA E MUSEU: VIVÊNCIAS, ANÁLISE E DESCOBERTAS.....77

4.1 Pista 1 - a importância dos repertórios: o antes e o depois 78

4.2 Pista 2 - na ponta do lápis: narrativas imagéticas 82

4.3 Pista 3 - modelando com as mãos, pensamentos e viveres..... 85

4.4 Pista 4: percepções e atravessamentos no espaço do CEI Jardim Sofia e no espaço do Museu Casa (leituras sonoras, visuais e corporais) - uma experiência que deixa marcas..... 87

5. CHEGADAS E PARTIDAS - PERCURSOS FINAIS.....90

REFERÊNCIAS.....93

APÊNDICES.....100

APÊNDICE A – Banner da Mostra de Fotos/imagens no CEI Jardim Sofia.....101

APÊNDICE B – Convite para a Mostra Infantil no Museu Casa Fritz Alt.....102

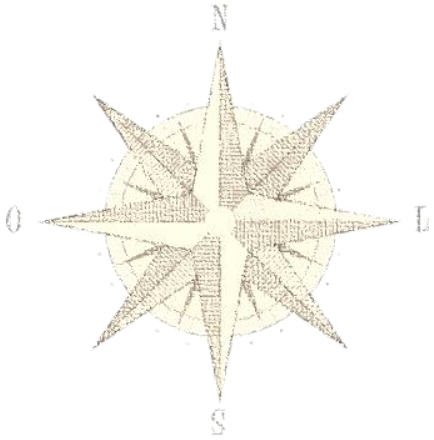
APÊNDICE C – Autorização de uso de imagem e som.....103

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....104

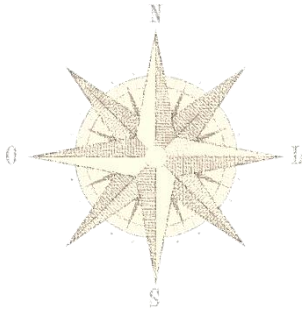
APÊNDICE E – Cartas de Anuência.....107

ANEXOS.....109

ANEXO A – Fotos/imagens da vida/obra de Fritz Alt.....110



PERCURSO 1. PERCURSOS PESSOAIS, PROFISSIONAIS E TEÓRICOS: DESVELANDO ILHAS DESCONHECIDAS



"Não há um único sentido para a sua experimentação nem uma mesma estrada. São múltiplas as estradas...".
Passos, Kastrup e Escóssia [1]

"Você viaja para reviver o seu passado? - Era, a esta altura a pergunta do Kahn, que também podia ser formulada da seguinte maneira: - Você viaja para reencontrar o seu futuro?".
Ítalo Calvino [2]

De passados e futuros e de outras tantas minúcias são construídos os questionamentos dos pesquisadores. O movimento da pesquisa nos possibilita o diálogo com as práticas e, frente à teoria, abre novas perspectivas que revelam o complexo processo resultante de nossas vivências.

Aqui, esses percursos se cruzam, caminhos se alongam, algumas ruas não têm saída; e assim diversos fatores são determinantes para os percursos que trilhamos ilha à fora. Assim, as linguagens da arte e da literatura se entrelaçam nesta dissertação/pesquisa para expressar nossas experiências com o outro.

Alguns passos foram decisivos e dados na direção da dissertação/pesquisa, com a intensa vontade de discutir a ocupação dos lugares escolares e culturais como possibilidades de vivências perceptivas para a educação infantil. Nesse sentido, é que compartilhamos as reflexões que se seguem.

1.1 Percursos pessoais

Revisitando minhas memórias, lembro-me de um tempo em que a minha cidade estava estilhaçada em milhões de pedacinhos como um espelho (e não é o da Branca de Neve), que foi ao chão silenciosamente...Falo de minha mãe, tradução

[1] Passos, Kastrup e Escóssia (2014).
[2] Calvino (1990).

de alegria, perseverança, vontade de viver! Sua passagem já foi há algum tempo, mas sua presença será eterna em minhas memórias e em meu coração (Figura 1).

Figura 1 – Mamãe e eu

Fonte: Da autora.

Levei algum tempo para aceitar e compreender essa passagem, juntando os pedacinhos da cidade que sobraram e tentando organizá-los em outro lugar-tempo da vida. Um desses pedacinhos-cidade levaram-me para um tempo como se estivesse me movendo pela cidade de Zaíra[3]. Estava ingressando como aluna especial no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação com minhas bagagens afetivas e profissionais, vendo-me num contexto que guardava grandes surpresas para mim.

Paralelamente ingressei no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE[4] (Figura 2), grupo que integra o Mestrado em Educação, que sinalizou

[3]Zaíra, uma das cidades da memória, dos muitos lugares visitados por meio da leitura do livro "As cidades invisíveis", de Ítalo Calvino, no qual Marco Polo, com sua observação apurada e imaginação, descreve suas complexas viagens ao imperador Kublai Kahn. Zaíra, descrita por Calvino (1990, p. 14-15) é feita "das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado. (...) Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão (...)"

[4] O NUPAE, criado e legitimado pela UNIVILLE em 2003 e cadastrado no CNPq no mesmo ano, tem como objetivo desenvolver ações de pesquisa no contexto interno e externo da Instituição, com parceria da UMINHO, Braga/Portugal. O grupo é formado por bolsistas dos cursos de graduação e pós-graduação; professores/coordenadores dos cursos de Artes Visuais, Pedagogia, Matemática, História, Design; alunos e ex-alunos dos Mestrados em Educação, Patrimônio Cultural e Sociedade da UNIVILLE e membros de outros Estados (SP e PR). Esse grupo atua nas seguintes linhas de

algumas pistas com relação aos primeiros passos da investigação acadêmica. Foi um momento de grande expectativa e realizações de planos pensados tempos atrás. Esse núcleo é como as cidades de Calvino e as estradas de Passos, Kastrup e Escóssia. Cidades construídas de corpos com prédios e ruas, formadas por um grupo de pesquisadores com suas singularidades e desejos, que somados formam um todo de fragmentos de histórias, experiências e conhecimento.

Figura 2 – Equipe NUPAE

Fonte: Acervo do NUPAE, cedido à autora.

Minhas histórias ficavam perdidas pelas vielas escuras das ruas da cidade, onde tentava reunir meus fragmentos, que me convidavam a pensar outras cidades e outros caminhos, para mim ainda desconhecidos.

Uma das lembranças mais persistentes dos primeiros anos de escola, por exemplo, é a do quadro negro e de certa “miscelânea visual” em torno dele. Tinha muitas informações coladas, muitas letras e formas coloridas e também havia propostas para preenchimento com bolinhas de papel crepom colorido em folha sulfite. As aulas não me motivavam para a provocação/reflexão do conhecimento ou mesmo para a criação artística e também não me sentia incluída nas atividades

pesquisa: 1. Políticas Públicas e Práticas Educativas: investiga a arte/educação e educação patrimonial com foco nas políticas públicas e práticas educativas; 2. Metodologia, Formação, Currículo e Avaliação: investiga a educação formal, não formal e informal, currículo, e avaliação. O Núcleo tem vasta publicação e atuação em eventos científicos, a fim de socializar conhecimentos com a comunidade, em especial com as redes públicas.

propostas — desenhos e manualidades. Minhas memórias mais significativas não são das aulas de arte na Educação Básica, em especial nos anos iniciais.

As experiências que mais me afetaram são aquelas que tive em casa na ação de desenhar, imitando e criando formas parecidas com os papéis de carta. Papéis esses, como os cartões postais de Maurília[5], que revelam a multiplicidade do que a cidade se tornou sem deixar de reconhecer a importância do que foi ou daqueles que ali viveram.

Acredito que, nesse ponto, consegui aproximar uma compreensão do que expôs Deleuze e Guattari quando escreveram (2010, p. 196) que "[...] pintamos, esculpimos, compomos escrevemos sensações". Assim, minhas memórias conservam ainda mais do que as sensações e percepções de criança, celebram o que me aconteceu e auxiliam a reunir minhas peças e abandonar ou revisitar minhas rotas, buscando na intensidade da criança que fui, meus argumentos para desvelar as experiências atuais. Como afirmam Deleuze e Guattari (2010, p. 198), não "com lembranças de infância, mas por blocos de infância, que são devires-criança do presente".

Recordo assim que aquilo que me impressionou realmente nesse percurso havia sido a entrada no 6º ano (na época 5ª série) do Ensino Fundamental. E muito mais do que a divisão por disciplinas foram os livros...Os de história e de língua portuguesa me encantavam. Ganhávamos os livros já usados e devolvíamos no final do ano letivo, com capas novas e coloridas. Enquanto ficavam comigo, cuidava deles e folheava todas as páginas em busca de diagramações diferentes, ilustrações, quadrinhos e imagens de obras de arte.

Entremeada a essa passagem, chega uma memória já da universidade. Fizemos uma viagem a São Paulo para conhecermos o Museu de Arte Moderna, a Pinacoteca e a Mostra do Redescobrimento, entre outros lugares. Não tenho muitas palavras para descrever, mas ocorreu que aquelas imagens dos livros de história e literatura e língua portuguesa saíram de suas impressões, tomando forma e se transformando em realidade bem na minha frente[6]...

---

[5] Em Maurília (Calvino, 1990, p. 30), "o viajante é convidado a visitar a cidade ao mesmo tempo que observa uns velhos cartões-postais ilustrados que mostram como esta havia sido, (...) mediante o que se tornou pode-se recordar com saudades daquilo que foi".

[6] Gratificante e instigador foi ler um relato semelhante no livro Mediação Cultural para Professores Andarilhos da Cultura (2012), em relação ao encontro com os espaços culturais e os objetos artísticos de nossas referências como viajantes culturais.

O pavilhão de Arte Barroca Brasileira na Mostra do Redescobrimento Brasil +500 com o seu cenográfico “mar de rosas” e as pinturas que retratavam o Brasil Colônia na Pinacoteca e na Mostra eram grandes, algumas imensas em relação à proporção que imaginava vendo as imagens nos livros, outras eram pequenas e extremamente cheias de detalhes, semelhantes a um instante eternamente capturado por uma fotografia... Foi um encontro arrebatador... (Figura 3).

Figura 3 – Encartes de exposições e mostras que a autora recolheu em seus percursos com a arte

Fonte: Da autora.

A lembrança chegou como um relâmpago, um parêntese no meio da conversa com meus amigos de faculdade e, de repente, percebi o que nela tinha de tão singular. Estava repleta de perceptos e afectos e também carregada de conexões e rizomas[7] que compunham uma teia com o meu agir e pensar atual.

Senti que se tratavam desses conceitos quando as lembranças eram puras sensações e efeitos que já haviam ultrapassado os objetos dos blocos de perceptos e afectos que os artistas utilizaram em sua criação. Elas emanavam, conservavam-se a si mesmas, pois “mesmo se o material durasse apenas alguns segundos, daria à sensação o poder de existir e de se conservar, na eternidade que coexiste com esta curta duração” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 197).

[7] O rizoma na perspectiva de Deleuze e Guattari (1995, p. 33): “[...] não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ser, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e”. Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o ver ser”.

Ainda, Deleuze e Guattari (2010, p. 197) ao falar dos perceptos e afectos como pura sensação e percepção que não remetem a um objeto, à semelhança ou mesmo à materialidade, nos falam que:

> O objetivo da arte, com os meios do material, é arrancar o percepto das percepções do objeto e dos estados de um sujeito percipiente, arrancar os afectos das afeccções, como a passagem de um estado a um outro. Extrair um bloco de sensações, um puro ser de sensações.

1.2 Percursos Profissionais

Meu percurso tomou outros rumos na vida e em uma dessas reviravoltas que a vida dá, precisei atuar em outras áreas, sem deixar de lado a participação em Semanas de Arte e Cultura e cursos livres de cerâmica, que tanto gostava. É uma passagem árdua aceitar os desvios e fracassos. Alves (2014, p. 29-30) comenta que os descaminhos são intervalos onde se aprendem os percursos e as alternativas para o pensamento e não só revelam os resultados. Para ele, é preciso provocar o pensamento antes de chegar às conclusões, senão, "[...] as experiências malsucedidas, hipóteses equivocadas e erros vão para o lixo do esquecimento. É como se não tivesse acontecido", não deixando espaço para o inusitado, novos rumos e encontros — como nos serpenteares das conversas —, e restando somente pontos iniciais e destinos acabados.

Neste porto, atraquei em Fedora, a metrópole das possibilidades, lugar em que o ideal e o real se confundem e dá espaço à suposição. "Uma reúne o que é considerado necessário, mas ainda não o é; as outras, o que se imagina possível e um minuto mais tarde deixa de sê-lo" [8]. E, mesmo receosa e não totalmente certa em minhas escolhas profissionais, os textos de Rubem Alves (2005), a Caixa de Ferramentas, a Caixa de Brinquedos e Educação dos Sentidos I, deixaram-me mais confiante. Aliás, texto que reencontrei no Mestrado em Educação.

Já muito cedo estamos demasiadamente preocupados com a nossa caixa de ferramentas, pois nos instrumentalizam. Porém, quando estamos próximos da nossa real capacidade de pensar de forma criativa, crítica e autônoma, começamos a fazer

[8] CALVINO (1990, p.33).

perguntas e, consequentemente, abrimos nossa outra caixa — a de brinquedos. As incertezas e algumas angústias vão dando lugar a outras, talvez mais profundas, como revela Alves (2014), a maturidade e as metamorfoses trazem também o discernimento, como uma luz que enche um espaço desvelando o essencial.

O que há de mais intenso em minha jornada é, sem dúvida, o espaço para a imaginação, aquele que não pode ser preenchido por descrições ou um ponto fixo. Pode ser um ponto infinito no qual o passageiro vê-se em Ipásia[9], cidade na qual a língua, referindo a símbolos, palavras e coisas não são as mesmas que você julga conhecer. Para entender seus habitantes, seria necessário desprender-se do que procurava significar antecipadamente e observar as novas relações de coisas que se apresentavam ao seu redor.

Ao cartografar esses momentos do percurso de minha dissertação/pesquisa, aproprio-me de algumas palavras do capítulo inicial do livro “A paixão segundo G.H.”, de Clarice Lispector (2014, p.19), em que a escritora elucida, ao menos para mim, que relatar não é viver, mas criar a partir do vivido:

> Mas como me reviver? Se não tenho uma palavra natural a dizer. Terei que fazer a palavra como se fosse criar o que me aconteceu? Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei que criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade. Entender é uma criação, meu único modo. (...) Até criar a verdade do que me aconteceu.

E até onde pode chegar a criação? Um vislumbre, uma aproximação do entendimento daquilo que se passou, marcada pela experiência criadora e pelo espaço aberto para o conhecimento sensível que a arte pode impulsionar. E, enfim, posso confessar como me exige o grande Khan com o silêncio em seu olhar: “Eis o que eu gostaria de saber a seu respeito; confesse o que você contrabandeia: estados de ânimo, estados de graça, elegias” [10].

---

[9] Calvino (1990, p. 48) narra que em Ipásia “os símbolos formam uma língua, mas não aquela que você imagina conhecer. (...) Compreendi que devia me liberar das imagens que até ali haviam anunciado as coisas que procurava: só então seria capaz de entender a linguagem de Ipásia”.

[10] Calvino (1990, p. 93).

1.3 Pesquisas (Entre)laçadas: pensando o outro em mim e o eu no outro

Nessa minha caminhada, percebi no NUPAE e, em especial, em duas pesquisadoras desse núcleo, Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon e Daniela Cristina Viana, ideias e inspirações que viriam a somar nesse meu novo mundo de descobertas. De tal forma que estreitávamos os laços entre as linguagens/expressões das artes (Figura 4). Pois, "laço é uma espécie de nó que quando é visível, enfeita, e quando é invisível, estreita" (FALCÃO, 2011, p. 52).

Figura 4 – As pesquisadoras Karinna, Mirtes e Daniela (direita para a esquerda)

Fonte: Da autora.

Daniela estava desenvolvendo sua pesquisa em torno da dança/movimento e Mirtes das sonoridades na música; ambas na educação infantil e assim nos vimos enredadas em um lugar de múltiplas possibilidades, que envolvia estudos, pesquisas, experiências, entre outros aspectos que constituíram nossas transversalidades.

Nesse contexto, as pesquisas, incluindo em minha busca a companhia da música com a Mirtes e da dança com a Daniela, sempre sob o olhar e incentivo da nossa orientadora comum, professora Silvia Sell Duarte Pillotto, foram tornando-se visíveis, audíveis e corporais nos projetos que traziam a mediação cultural para a infância como elemento central de nossa ação e mobilizadora de nossas vivências. Transitávamos por meio das três linguagens/expressões das artes — corpo, som e percepção visual.

No NUPAE, também fui apresentada a alguns textos, projetos de pesquisas e modos singulares de ver a infância, a mediação cultural e a experiência na educação em artes e suas linguagens/expressões. E com muita atenção ouvia os comentários nas apresentações de outros pesquisadores, tentando desvendar os mistérios e fazer minhas conexões, como nas brincadeiras de passa anel, lembram? (Figura 5). Sempre tinha um passador e um adivinhador, que nesse caso sentia como se fosse eu... Fui interpelada de tal modo que às vezes retorno aos textos e ainda encontro alguns aspectos que me intrigam e me provocam pensamentos outros.

Figura 5 – Metáfora do passa anel, com as pesquisadoras Karinna (acima) e Daniela

Fonte: Foto de Rodrigo Madruga, acervo da autora.

1.3.1. Percursos pela arte: ensaio fotográfico

As investigações em arte permeiam a dinâmica das atitudes criativas. Assim, em nossa proposta incluímos a experimentação poética na concepção de um ensaio fotográfico privilegiando os elementos de essência das linguagens/expressões da arte que nos apropriamos para realizar as vivências perceptivas com a infância.

Figura 6 – Ensaio fotográfico, atravessamentos

Fonte: Da autora.

Segundo Marín Viadel (2013), as pesquisas em educação em artes estão propensas a abordar metodologias que busquem combinar a investigação científica com qualidades da criação artística e assim manifestar criativamente o objeto pesquisado. A utilização do recurso poético das imagens, das palavras, dos sons, dos movimentos, ultrapassa o sentido estritamente comunicativo, podendo trazer novas perspectivas para as investigações em educação. Já que educação também é poesia, é português, é matemática, é história, geografia e arte, e sobretudo, gentileza.[11]

A necessidade de uma experiência diretamente com a linguagem das artes (fotografia, movimento e sonoridades) nos impulsionou a concretizar o ensaio. Escolhemos como lugar de experiência o Conservatório Belas Artes de Joinville, que tem como objetivo despertar a sensibilidade artística, envolvendo os alunos em experiências estéticas. Nesse lugar, ao som de músicas diversas e em contato com instrumentos musicais, argila, panos coloridos e instantes de magia, nos deixamos levar pelo prazer em compartilhar sensibilidades.

Movimentos individuais e coletivos, expressões e sentimentos nos permitiram vivenciar as artes e o corpo em todos os sentidos, possibilitando novas formas de ver a pesquisa e seus processos singulares e plurais. Aqui, estavam latentes a pesquisadora, a professora e a artista, num intenso jogo de sentidos. Nesta experiência, foi possível manifestar as intenções artísticas e estéticas de nossa proposta, estabelecendo também caminhos diversos, utilizando as linguagens/expressões as quais estamos conectadas. Este foi um dos percursos de minha dissertação/pesquisa, entre outros tantos, que estarei explorando a seguir.

[11] Trecho adaptado de FALCÃO, 2011.

Figura 7 – Ensaio fotográfico, linguagens/expressões das artes

Fonte: Da autora.

1.4 Percursos de uma pesquisa

Dois dos textos indicados para estudo e explorados pelos pesquisadores do NUPAE: “Dos repertórios às ferramentas: Ideias como ferramentas para a compreensão das obras de arte”, de Michael Parsons, e “Funções da arte e educação estética”, de Dmitry A. Leontiev[12], foram promotores de interrogações que deram origem às ideias iniciais da minha dissertação/pesquisa. E alguns dos pensamentos desses autores foram fundamentais para aprofundar conceitos, a exemplo da questão da relevância do ensino da arte e o fortalecimento da atitude dialógica no encontro com os objetos artísticos, em que transcende a esfera da identificação e da compreensão, alcançando uma abertura para a elaboração de novos sentidos e significados (LEONTIEV, 2000).

Os três campos abordados pelo autor: recreação, socialização e desenvolvimento pessoal, operam em níveis diferentes de complexidade. Ao atingir o desenvolvimento pessoal por meio dos efeitos da interação com a arte, pode ser possível romper com formas estáticas de observação e se preparar para analisar a realidade criticamente.

Nas questões abordadas por Parsons (2000), em seu estudo sobre a observação dos objetos artísticos e o desenho na infância, o desenvolvimento da arte, da percepção artística e da arte/educação, pressupõem modelos com múltiplos trajetos que se cruzam e variados pontos de chegada. Refletem, pois, a diversidade de referências e de aspectos culturais, tais como ferramentas que compõem os momentos criativos. Assim, a expansão das atitudes expressivas, comunicativas, contemplativas e a interpretação dos significados são construídas em diferentes níveis de aprofundamento, e avançam como uma rede por meio das linguagens/expressões para integrar o que designamos como repertório.

Assim como uma cidade que é constituída por ruas, prédios, casas, árvores, pessoas e um milhão de outras coisas, as ideias desses dois autores (Parsons e Leontiev) me causam um misto de estranhamento e ao mesmo tempo uma

[12]Esses textos fazem parte do livro Educação Estética e Artística: Abordagens Transdisciplinares (2000) que reuniu as nove comunicações apresentadas na Conferência Educação Estética e Artística — Abordagens Transdisciplinares realizada na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, em setembro de 1999.

identificação com as discussões acerca das teorias e práticas educativas da educação em artes para a infância.

Neste momento, provocações*/problemáticas* tomaram conta de mim. *Como se dão as vivências perceptivas com crianças de 4 e 5 anos nos espaços da escola e do museu, a partir de ações de mediação cultural?* As reflexões sobre essa questão me levaram ao seguinte objetivo: *Desenvolver ações de mediação cultural em espaços formais e não formais da educação (escola e museu) com crianças pequenas, identificando como se dão as vivências perceptivas e quais contribuições nos aspectos sensíveis.*

À vista disso, a questão sobre a preparação de vivências em mediação cultural para o público infantil com idades entre quatro e cinco anos e a expedição com esse público ao museu, mobilizou experiências, com as linguagens/expressões das artes, tanto das crianças quanto das pesquisadoras. Surge então, o tema desta dissertação/pesquisa **"Vivências perceptivas com a infância nos espaços da escola e do museu – uma experiência".**

Já tínhamos, cada uma das pesquisadoras, seus respectivos temas, a problemática de uma pesquisa, e agora nosso caminho seguia na direção das opções pelos sujeitos e campos de pesquisa: Centro de Educação Infantil – CEI, e uma turma de crianças entre 4 e 5 anos, e o Museu Casa Fritz Alt.

O mobilizador para a escolha dessa faixa de idade teve influência de Leontiev (2004), quando diz que essa fase, chamada por ele de pré-escolar, é um período importante para a criança, uma vez que toma posse do mundo concreto, envolto de lugares, objetos, pessoas e situações, relacionados também ao seu potencial imagético. Ou seja, aqui o faz de conta se presentifica na relação do real e do imaginado em situações vistas por meio de brincadeiras.

A partir da definição da faixa etária, escolhemos um Centro de Educação Infantil – CEI para compor esta pesquisa. Nossa opção foi também pela Rede Pública (município de Joinville), pois, é com esse contexto que a universidade está comprometida com o fomento para o desenvolvimento de políticas públicas, que compreendem esse lugar como espaço de aprendizagens e sensibilidades.

Assim, o Centro de Educação Infantil Jardim Sofia foi nossa escolha (Figura 8), por ser um centro de educação infantil próximo da Universidade com amplo espaço para as ações de vivências perceptivas e acolhimento daquela comunidade

as nossas propostas de pesquisa. Ademais, essa instituição contemplava os princípios da educação infantil em assegurar o direito ao brincar, ao lúdico e às suas formas de expressão. Também incluem em seu Projeto Político-Pedagógico e suas práticas educativas, o compromisso de promover o acesso das crianças aos bens culturais e ao desenvolvimento ético e estético[13].

Figura 8 – CEI Jardim Sofia

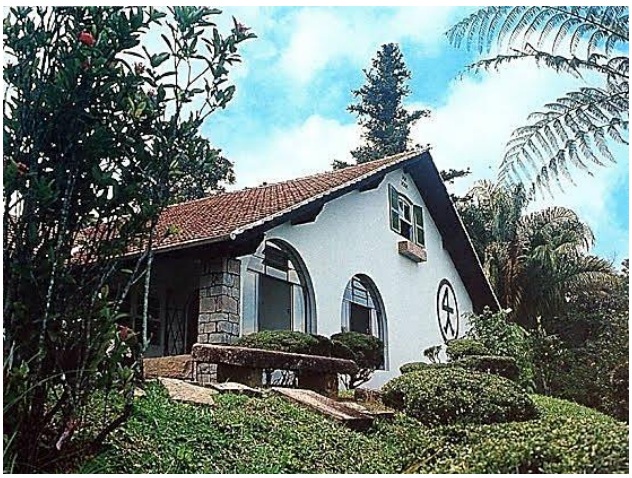
Fonte: Imagem do Google Maps[14].

Com relação a um espaço cultural, a nossa escolha centrou-se no Museu Casa Fritz Alt (Figura 9), pois é um lugar acolhedor, lúdico e que comporta não apenas obras do artista local Fritz Alt, como também objetos e utensílios do referido artista. Obras, objetos e utensílios são pistas da história do artista no contexto da cidade e que podem nos dizer muitas coisas das culturas de ontem, hoje e amanhã.

[13] Concepção apropriada do Projeto Político-Pedagógico do Centro de Educação Infantil Jardim Sofia, Joinville, 2014.

[14] Imagem frontal do CEI Jardim Sofia, retirado pelo aplicativo Google Maps. Disponível em: <https://goo.gl/maps/232FtvQq8yC2>. Acesso em: 12 maio 2016.

Figura 9 – Museu Casa Fritz Alt



Fonte: Acervo do Museu Casa Fritz Alt, cedido à autora.

As parcerias com o CEI Jardim Sofia, Museu Casa Fritz Alt e a Universidade foram essenciais no desenvolvimento da pesquisa. Embora cada um dos espaços tenha suas singularidades, são formados por uma cidade com ruas onde transitam pessoas com seus sonhos e desejos. Seria essa a cidade de Calvino ou a cidade da pesquisa? Isso só o tempo dirá.

Enquanto isso e durante todo o percurso, encontramos aproximação com a descrição de González Rey (2005) em que a investigação acompanha de forma sistêmica a teoria e a prática, acolhendo a processualidade e abrindo caminhos para a produção de conhecimento dinâmico e construção de “zonas de sentidos”. Esse conceito é abordado pelo autor como “espaços de inteligibilidade se produzem na pesquisa científica e não esgotam as questões que significam, senão que pelo contrário abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica” (GONZÁLEZ REY, 2005, p.6).

Logo, para que as narrativas e reflexões desta investigação ocorressem de forma significativa, optamos pelo método da cartografia, que tem em seus pressupostos a intervenção, com pistas que podem nos nortear na atividade investigativa que se apresentam “[...] como referências que concorrem para uma manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa [...]” (PASSOS, KASTRUP E ESCÓSSIA, 2014, p. 13).

O entendimento de pesquisa intervenção aqui tratado diz respeito ao engajamento, interesse e comprometimento com a realidade, ou seja, como

intervenção no sentido de tomar parte, estar presente. Nesta intervenção, a interação entre o conhecimento produzido e vivenciado, as análises, os sujeitos e as experiências se tornam compartilhadas e transversais. O pesquisador desencadeia o processo de pesquisa com a criança favorecendo que a construção de experiências/vivências entre todo o contexto e seus sujeitos torne-se o mobilizador da investigação (CASTRO e BESSET, 2008).

Aliado a isso, a busca inventiva e criativa na pesquisa pode contribuir para que possamos avançar em nossos questionamentos, abrir espaços para conexões e associações entre o pensamento objetivo e científico e linguagens que busquem acrescentar experiências e narrativas que evidenciem os processos dessa construção do conhecimento. Maldonato (2012, p. 112) aborda essas questões de forma a transmitir a ideia de que "[...] pensar, conhecer, descobrir é tornar a própria evidência das coisas um problema: sempre há um além, um fundo do fundamento a ser alcançado".

Assim, a abordagem metodológica propõe um caminhar em que foram experienciadas, empenhadas e manejadas as metas no decorrer de seus achados. Os processos, a exploração e a decorrência das experiências vivenciadas fazem parte do movimento da pesquisa. Passos e Barros (2014, p. 18) informam que a cartografia/intervenção enquanto método de pesquisa "[...] é o traçado desse plano de experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso de investigação".

Sim! Nesse traçado habitamos também em Zora[15], onde cada rota acompanha o olhar e percorre a grafia das notas nos livros que passam aos ouvidos, e irradiam no corpo inteiro...Em cada instante, por cada parte e interseção dessa cidade, o que tinha de semelhança e distinção buscava também a memória. Mas saímos de lá com passos lentos e silenciosos para relatar nossas aventuras antes que fôssemos capturadas para sempre e lá ficarmos presas a só uma cidade, até o esquecimento... A ideia, portanto, é que a pesquisa conheça outras tantas cidades.

E olhando para trás tenho vestígios do que sou agora, meus interesses, meus receios, minha vontade de continuar...Como na pergunta imaginada do Kahn ao viajante: "- Você viaja para reviver seu passado?" ou "[...] para reencontrar seu

[15] Calvino (1990, p. 19) conta-nos sobre Zora, que "tem a propriedade de permanecer na memória ponto por ponto. (...) O seu segredo é o modo pelo qual o olhar percorre as fotografias que se sucedem como uma partitura musical da qual não se pode modificar ou deslocar nenhuma nota".

futuro?" Quem vai saber... ou na resposta ideada por Polo em que sonha "conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si".[16]

Vistos por este prisma, percebemos que os lugares educativos podem constituir-se em transversalidades. Assim como em Ercília[17], em que a trama disposta em fios entrelaçados é que unem, dão forma e orientam a vida de seus moradores, a pesquisa também se constitui em tramas, traçando seus próprios caminhos.

1.4.1 A pesquisa e seus primeiros percursos teóricos

Pensando desse modo, podemos considerar ser possível mobilizar novas experiências e sentidos, quando atravessamos os muros da escola e trazemos os conteúdos dos espaços culturais para dentro da escola e vice-versa. De maneira que articular as experiências nesses lugares, proporcionar vivencias sensíveis dentro e fora da escola e possibilitar seu intercâmbio, torna-se imprescindível na contemporaneidade.

A educação em arte hoje reivindica por espaços diferenciados e saberes plurais. Desse modo, instigar encontros sensíveis pode ampliar o entrelaçamento de significados e percepções das crianças com aquilo que as cercam.

Nesse contexto, a mediação nos espaços culturais e em especial nos museus vem sendo pensada de outras maneiras, pois, de acordo com Martins, (2012a, p. 13) formam também "[...] encontros que exigem atitudes pedagógicas que podem reforçar e instigar a construção de significações".

Assim, as propostas vivenciais em mediação cultural trazem um olhar singular que busca proporcionar encontros com a arte e suas linguagens/expressões, com a cultura e com o patrimônio, em que cada espectador possa ser sensibilizado a compor seus sentidos e significados. Para que isso ocorra, a atuação do mediador necessita avivar o interesse de seu público, de modo que possibilite o acesso, o

[16] Calvino (1990, p. 28-29)

[17] As cidades e as trocas, uma das partes da geografia fantástica de Calvino (1990, p. 72), apresenta Ercília, cidade em que "para estabelecer as ligações que orientam a vida da cidade, os habitantes estendem fios entre as arestas das casas (...). Teias de aranha de relações intrincadas à procura de uma forma."

reconhecimento e a identificação com os objetos, artefatos, obras e espaços culturais.

Torna-se um processo em que se incluem e excluem problematizações, se intervém ou intermedia, ou também se estabelecem planos que se cruzam ou se cortam. Portanto, a mediação cultural pode oportunizar experiências estéticas promovidas por meio de encontros significativos com a arte, motivadas pelo olhar atento das crianças e para crianças e seus processos (MARTINS, 2014).

Darras (2009, p. 36-39) também compreende que o mediador e a ação mediadora promovem o cruzamento do "[...] objeto cultural mediado; as representações, crenças, conhecimentos e expertises do mediador e o mundo cultural de referência". Dessa maneira, múltiplas variáveis atuam sobre o mediador e sobre o público, assim como também os seus efeitos, encontrando ou não acolhimento.

Então, tal como nos relatórios de Marco Polo, nos quais o desbravador tentava transmitir ao imperador Khan a grandeza, os assombros e as maravilhas de seu império, as vivências em mediação cultural nesta pesquisa propõem compartilhar experiências e saberes por meio de movimentos dialógicos configurando-se em interlocuções.

A respeito das experiências e sentidos, Larrosa (2015, p. 18) nos diz que a "experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca". Esse talvez seja o mais significativo dos conhecimentos!

Por esse horizonte, desponta a feição da infância como acontecimento, como alteridade, intempestiva e imprevisível; nem passado, nem futuro, mas antes de tudo presente. E, neste presente, como afirma Larrosa (2011, p. 285), a educação se apresenta como uma das formas de relação peculiar com a criança e que possa ser "[...] um acontecimento que produz o intervalo, a diferença, a descontinuidade, a abertura do porvir"; não como garantias de manutenção do passado e preparação de futuro certo, mas onde haja espaço para as multiplicidades da vida.

E, ao mobilizar os processos criativos das crianças em meio aos lugares da escola, buscamos provocar sua curiosidade para participar das ações de mediação cultural, bem como promover o diálogo e trazer para elas um contato maior com o patrimônio cultural da cidade.

Os processos educativos vivenciados com as crianças em nosso contexto buscaram conectar as linguagens/expressões das artes com as experiências estéticas e os seus saberes, integrando o conhecimento sensível com o inteligível. Dessa maneira, Duarte Júnior (2010, p. 221) fala da educação dos sentidos como forma de nos auxiliar na percepção e apreensão da realidade em que vivemos:

> [...] dar atenção aos sentidos e auxiliar o seu refinamento, seja com base na miríade de estímulos e maravilhas disposta pelo mundo ao nosso redor, seja através dos signos que a arte nos provê, tocando a nossa sensibilidade, constitui uma missão fundamental para o educador [...].

Assim, na perspectiva de construção de saberes, experiências e inventividade com as crianças, a arte pode contribuir na construção de vínculos afetivos e simbólicos, enriquecendo e ampliando a sua leitura de mundo, em que as experiências se ligam à percepção, à imaginação e à criação. Dessa forma, notamos por meio da fala de Pillotto (2007, p. 22) que:

> As vivências, artísticas, estéticas e culturais, como fazer bolinhos e utensílios de barro, desenhar na terra, na areia do mar, cantarolar, dramatizar a partir de personagens imaginários, movimentar o corpo nas brincadeiras e danças, ouvir o violeiro, histórias, lendas e contos, são práticas do cotidiano das crianças, ou pelo menos deveriam ser, pois nesses momentos em que o simbólico se faz presente elas também estão aprendendo. Entretanto, além dessas experiências cotidianas, existem outras possibilidades de conhecimento que as instituições educacionais têm o dever de desenvolver, e as crianças, o direito de usufruir.

Incentivar a criação e a percepção com as crianças, ser múltiplos como a infância é questão essencial da educação estética, em uma forma de deixar fluir modos únicos de ser e de inventar um mundo novo de possibilidades, assim como o olhar singular que elas têm para a realidade. Nesse anseio de conhecer o mundo, as crianças empreendem investigações e experiências que as auxiliam a desvendar os mecanismos da vida. Da mesma forma, Barbieri (2015) percebe os espaços: escola, cidade, ateliês como lugares que trazem materialidade e ferramentas os quais as possibilitam relacionar-se com o mundo, oportunizando assim mobilizações e desafios para elas (crianças), da mesma forma como os estados da arte proporcionam aos artistas, deslocando questões sensíveis e perceptivas.

O universo infantil é único, é o momento dos primeiros contatos com a vida e com tudo que a cerca. A criança carrega consigo características sociais, históricas e culturais, somadas ao seu desenvolvimento biológico e psicológico.

A concepção de infância vem, ao longo do tempo, sofrendo transformações, acompanhando o papel exercido pelos sujeitos no contexto social. De tal forma que possamos, como nos fala Kohan (2008, p. 41), perceber a infância na atualidade:

> [...] a partir do que ela tem e não do que lhe falta: como presença e não como ausência; como afirmação e não como negação, como força e não incapacidade. [...] Não temos certezas nem pretensões fundacionistas. Apenas buscamos ser honestos e afins à infância. Estamos atrás de nascimentos, novos inícios, para o pensamento, para o pensado e também para o não pensado.

As palavras de Kohan de alguma forma me remeteram aos idos da minha infância, quando lá pelos meus dois anos presenciava uma nuvem de borboletas que mais pareciam pétalas caídas de uma árvore. Cheguei correndo na porta de casa e disse: “Mamãe...Vem! Vem ver as florzinhas que voam!”. É o imaginário infantil mobilizando o pensamento, talvez a característica mais importante que uma criança pode ter.

Ou seja, eu já era uma observadora de situações, de objetos, de sons, de imagens, de lugares.... Acompanhava tudo o que me chamava atenção e adorava quebra-cabeças (mas não podiam ter qualquer imagem!). Não queria os infantis, queria os que os adultos utilizavam — com vários detalhes e cores diferentes, livros e contos, histórias em quadrinhos, desenhar e contar histórias, ilustrar...

Ilustrar pode ter muitos significados, desde os mais incertos aos mais explícitos. Mas o que pode ser a ilustração na vida de uma criança? Estampar, desenhar, pintar, modelar, imitar, imaginar, enfim, compreender o mundo.

Parece-me que com o desenho e a modelagem a criança expressa o seu imaginário (Figura 10), ao passo que também quer, com entusiasmo, entender o que vê desse mundo novo, tentando alcançá-lo com todas as forças.

Figura 10 – Composição de fotos/imagens das crianças nas mediações em artes visuais

Fonte: Da autora.

A realização de encontros das crianças com as linguagens artísticas concedem um momento distinto de apropriação da realidade que, relacionado ao seu mundo imaginário, promove as tentativas de domínio dos sentidos e do próprio corpo, tentativas de habitar, de pertencer a si mesmo. Derdyk (1994, p. 10) relaciona o olhar da criança com um aventureiro espionando o mundo que pretende conquistar, e assim, “vive em estado de encantamento diante dos objetos, das pessoas e das situações que a rodeiam”.

Há uma complexidade de descobertas a serem desveladas e, nesse cenário, o mundo apresenta-se às crianças também por meio da tridimensionalidade, ampliando suas percepções táteis e suas relações com o espaço. Em sua ação de explorar os materiais, os objetos, as dimensões entre outros, as crianças podem manifestar seu potencial criativo e imaginativo com as mais diversas linguagens/expressões. Nessa perspectiva, Cunha (2014, p. 16) revela que é “[...] na interação da criança com os objetos de conhecimento (desenho, pintura, modelagem, etc.) que o processo expressivo se constitui”.

Em virtude disso, as relações entre as crianças e entre elas e os adultos, variam de acordo com cada realidade e contextos apresentados e são substanciais para a construção dos sujeitos. Assim, elas participam de um processo que

possibilita a vivência e a estruturação de conhecimentos. Esse encontro com o outro é fomentado também pela escola, um espaço construído para as ações e interlocuções pedagógicas comuns a todos nós; crianças, professores e demais profissionais envolvidos com a educação.

Assim, levando-se em consideração a perspectiva do pensamento de Dewey[18], seria relevante para a escola abordar a experiência na educação da infância a fim de se tornar verdadeiramente democrática e participativa. Sob esse ponto de vista, sua concepção de educação perpassa a experiência como um fenômeno que provoca conexões e diálogos entre os sujeitos e as coisas. Logo, adquire amplitude pela qual as relações entre o eu e o mundo se modificam, quando o inteligível e o sensível entrelaçam suas estruturas, agrupando elementos que possibilitem nos levar à percepção, à análise, à pesquisa, entre tantos outros aspectos que compõem os saberes, os fazeres e a construção de conhecimento (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010).

A infância, dessa maneira, apresenta-se como um momento intenso e latente no período escolar para apropriação de saberes que prosseguirão ao longo da vida. Portanto, cabe também aos mediadores, nesse período, buscar condições que mobilizem experiências, aliadas a ambientes férteis que possibilitem despertar processos significativos e cada vez mais complexos.

Portanto, as relações de saber, efetivamente, comportam aspectos relacionais que dizem respeito também à identidade do sujeito. Do mesmo modo, sendo o saber constituído de relações, os processos que levam à aprendizagem, trocas e apropriações de conhecimento carecem de ser representados e relatados pelos sujeitos, já que “a educação é uma produção de si por si mesmo, mas essa autoprodução só é possível pela mediação do outro e com a sua ajuda [...] numa troca com os outros e o mundo” (CHARLOT, 2000, p. 54).

Dessa maneira, em meus empreendimentos de relação com o mundo e com os outros, as minhas memórias apontam que escrever, ler, desenhar e modelar foram ações que permearam meu cotidiano, assim como a brincadeira, inseridas na maioria das ações.

---

[18] De acordo com Westbrook e Teixeira (2010, p. 11), John Dewey (1859-1952) foi o filósofo norte-americano mais importante da primeira metade do século XX. [...] O compromisso de Dewey com a democracia e com a integração entre teoria e prática foi, sobretudo, evidente em sua carreira de reformador da educação.

À vista disso, para narrar e refletir sobre esses passos minuciosos, organizamos os desdobramentos desta dissertação/pesquisa, de maneira que no 2º Percurso – **HABITANDO A ESCOLA E O MUSEU: POR ONDE ANDAM AS BORBOLETAS?** – possamos apresentar os espaços de pesquisa, contextualizando suas propostas educativas na companhia de Manoel de Barros.

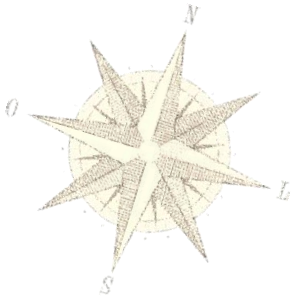
Entre contexto real e imagético, o 3º Percurso – **PROPOSTA CONCEITUAL: SERÁ ESSA A ILHA DESCONHECIDA OU A TERRA DO NUNCA?** Saramago, em sua ilha desconhecida, e Barrie nos apresentam Peter Pan, que mobiliza nossas experiências com as linguagens/expressões das artes: a modelagem e o desenho e processos de vivência-mediação-interlocução entre nós pesquisadoras, professores, gestores e crianças.

Em nosso 4º Percurso – **ESCOLA E MUSEU: VIVÊNCIAS, ANÁLISE E DESCOBERTAS** – destacamos a importância das vivências em mediação cultural e experiências para a ampliação das percepções visuais das crianças. Os repertórios, experiências e atravessamentos sonoros, corporais e visuais podem significar relevantes ferramentas para a imaginação criadora e sensibilidade.

E, no 5º e último Percurso – **CHEGADAS E PARTIDAS - PERCURSOS FINAIS** –, em companhia de Marina Colasanti, deixarei minhas marcas, impressões, afectos e perceptos que vivenciei durante o processo desta dissertação/pesquisa. Também nesse final, sempre incompleto, voltarei às questões — problemas iniciais, apontando o que de lá para cá mudou e o quanto fui afetada pelas crianças, pelas pesquisadoras Mirtes e Daniela e tempos depois, Jorge e todos aqueles que protagonizaram esta história.

Que nos sintamos invadidos pelas inquietudes, incertezas, encantamento e provocados a abrir caminhos para cidades desconhecidas em companhia com as artes e culturas, repletas de amorosidade.

PERCURSO 2. HABITANDO A ESCOLA E O MUSEU: POR ONDE ANDAM AS BORBOLETAS?



"Perdoai. Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas".
Manoel de Barros[19]

Para o percurso 2 havíamos realizado algumas conversas informais com as coordenadoras da educação infantil da Secretaria de Educação do Município de Joinville e, com a direção, coordenação e professora do Centro de Educação Infantil Jardim Sofia, a fim de compreender melhor quais as expectativas e as realidades do local onde pretendíamos efetivar o trabalho de campo.

Conversamos com a coordenadora pedagógica do Centro de Educação Infantil - CEI Jardim Sofia, que esteve presente nas conversas/reuniões iniciais, e observamos que o CEI era bastante ativo, ligado à comunidade e tinha um grande interesse em ofertar aos seus pequenos (crianças) inúmeras possibilidades de descobertas, tanto dentro do ambiente escolar quanto fora dele.

Procuramos também por um museu, um espaço cultural amplo e que pudesse oferecer aos nossos pequenos visitantes manifestações da arte local como também propiciar experiências lúdicas ocupando o ambiente como um todo. Assim, o Museu Casa Fritz Alt, com sua equipe, entra em cena proporcionando vivências ímpares, discutidas em meio a sua paisagem natural. Remexíamos em busca de um espacinho vazio meio cheio nos lugares para ocupar. Como as crianças, talvez até gostássemos mais do vazio do que do cheio, os vazios podem ser até maiores e infinitos.... Quem sabe o que poderíamos encontrar ali?[20]

Reunimo-nos então com o coordenador do Museu e com sua equipe educativa para a escolha das imagens de obras, monumentos e objetos do artista Fritz Alt, que seriam utilizadas na Mostra que organizaríamos no CEI Jardim Sofia para que as crianças tivessem um primeiro contato com a produção deste artista local. A Mostra serviria também de referência para a mediação cultural que

[19] BARROS, Manoel de. Retrato do Artista Quando Coisa. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998, p. 60.
[20] Trecho adaptado da obra Exercícios de Ser Criança de Manoel de Barros (1999).

estaríamos desenvolvendo com as crianças. Pretendíamos participar da *partilha do sensível*, como evidencia Rancière (2009), intensificando a forma de pensar as relações e os modos de fazer e ser, incorporando maneiras de tomar parte das histórias, culturas e vida comuns e, ainda assim, conter em si as partes exclusivas e singulares.

2.1 Centro de Educação Infantil: que espaço é este?

O espaço na educação infantil engloba características de um local preparado para as descobertas das crianças e para despertar nelas suas potencialidades, respeitando as suas singularidades. Contudo, as questões dos espaços na educação infantil ultrapassam as demandas apenas físicas e se constituem em lugares de experiências que compreendem relações com o mundo, identidades e construções de sentidos.

Destinados à interação e ao estímulo das crianças, os ambientes na educação infantil externalizam modos de pensar de professores, gestores e comunidade em relação à infância e à educação para as crianças, pois estes espaços também influenciam o convívio e, de forma simbólica, falam sobre aqueles que os habitam ou nele transitam. Pillotto e Mognol (s/d), sobre essa questão, ressaltam a influência e a relevância da criança como protagonista na ocupação deste espaço destinado a sua aprendizagem, privilegiando dessa maneira as relações entre as próprias crianças e as atividades que as possibilitem explorar, descobrir e agir nesse ambiente.

A autonomia da criança necessita ser preservada e um lugar onde sejam disponibilizadas múltiplas relações pode ser um agente determinante na educação infantil. Além da apreciação, a ação pode ampliar conexões das crianças com o conhecimento, sendo que para isso é requerido um lugar no qual as individualidades e a coletividade orientem a educação em torno das práticas de liberdade.

Na educação, os espaços representam além da arquitetura do local, um instrumento de ligação entre o privado/particular e o coletivo. Abrangem também aquilo que é simbólico e cultural e sua organização busca concretizar as ideias e

concepções que permeiam sua ocupação, pois é estruturado na convivência. O ambiente oferecido às crianças se torna um aliado no processo de construção do conhecimento motivando os sujeitos a explorarem os objetos, seus contextos e potencialidades.

Para que o espaço físico incorpore as dimensões possíveis, criativas e desafiadoras — e a criança possa progressivamente adquirir confiança para testar suas suposições e percepções sobre a realidade —, este deve ser revestido de um conjunto de atividades, de um pensar pedagógico coordenado e multifacetado. Dessa maneira, “a criança, ao estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, interage com o meio, manifestando suas emoções, seus sentimentos, suas conquistas, que podem modificar o ambiente”, conforme salienta Frison (2008, p. 170).

Assim, alguns dos documentos norteadores da Educação Infantil como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010) e mais recentemente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2016) em andamento, ressaltam, de formas diferentes, na educação para e com a infância aspectos como o desenvolvimento da autoconfiança, a afetividade, a utilização de diferentes linguagens para se expressar, o conhecimento das manifestações culturais plurais e, entre outros, a percepção de si como agente transformador e explorador do ambiente — sendo este natural ou transformado pelo homem — e dessa forma integrar-se, estabelecendo identidades; construindo vínculos capazes de contribuir para a preservação, o cuidado e a conservação, promovendo a consciência do sujeito como parte também de uma coletividade.

Ainda salientam a criança como sujeito histórico e de direitos, para as quais os princípios da aprendizagem necessitam seguir os eixos éticos, envolvendo sua autonomia e modos de agir e ser no mundo; políticos, compreendendo o estímulo ao pensamento crítico e democrático; e estéticos, impulsionando os processos criativos e a expressividade. Os documentos também frisam a relevância das instituições em proporcionar vivências e experiências em ambientes que fomentem as aprendizagens e o desenvolvimento na infância, estabelecendo “campos de

experiências"[21], nos quais são atribuídas relações e sentidos para as situações com que as crianças se defrontam no cotidiano.

Portanto, o desenvolvimento da criança pressupõe também que os espaços e os materiais disponíveis proporcionem para elas condições de explorar seus processos criativos e diversas possibilidades de aprendizagem, de forma lúdica e interativa, sendo versáteis e suscetíveis à ação das crianças e demais envolvidos nos projetos e atividades educativas.

2.1.1 Experiências com a arte no contexto da infância no espaço do Centro de Educação Infantil Jardim Sofia

O CEI Jardim Sofia que leva o nome do bairro, um dos menores da cidade de Joinville, localizado na zona Norte, se formou com um loteamento na década de 1980 e conta com cerca de quatro mil habitantes[22]. O CEI atende hoje em torno de 190 crianças da comunidade em seu entorno, em regime matutino, vespertino ou integral.

Entre as concepções de criança/infância e de educação infantil, apresentadas em seu Projeto Político-Pedagógico (2014), o CEI ressalta as mudanças ocorridas nas últimas décadas com a vigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), privilegiando o agir pedagógico voltado para o desenvolvimento e integração de aspectos cognitivos, afetivos, sociais, entre outros, das crianças; respeitando dentre outros princípios "[...] o acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética" (CEIJS, 2014, p. 5-6).

[21] Denominação para o arranjo curricular proposto pelo BNCC (2016) para a Educação Infantil.
[22] Dados extraídos da reportagem: http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia/2010/02/jardim-sofia-e-pequeno-mas-cheio-de-solidariedade-2809188.html

Figura 11 – Espaço de sala de aula do CEI Jardim Sofia

Fonte: Da autora.

Já os objetivos privilegiam os processos de construção de significados, identidades e capacidade de se exprimir, propondo enfoques na apropriação e integração de linguagens/expressões diversificadas, também por meio da ludicidade, das experiências, e, de forma participativa, respeitando as diferentes manifestações culturais, a curiosidade e a diversidade.

Seguindo às suas proposições pedagógicas, o corpo docente do CEI Jardim Sofia motiva as crianças a utilizarem as linguagens/expressões da arte como um enfoque lúdico e expressivo para as atividades, oportunizando momentos de interação entre elas e a exploração de materiais disponíveis (papéis diversificados, canetinhas, giz e lápis coloridos, tintas guache, cartolinas, tecidos, cenários, EVA's, materiais alternativos, entre outros), nas salas de aula e em ambientes ao ar livre; bem como prezando pelo espaço educativo vivaz em cores e texturas e procurando dialogar com as diferentes manifestações culturais.

2.2 Museu Casa: que espaço é este?

A arte realizada em Joinville teve um salto de desenvolvimento na década de 1970, pois conforme comenta Rossi (2014), é a partir desta data que se concretizaram a Coletiva dos Artistas e são criadas as principais galerias, espaços culturais e museus em Joinville, como a Galeria Lascaux, Galeria Bel'Art, a Galeria Municipal Victor Kursancew, a Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior e o Museu de Arte de Joinville.

Seguindo em sua apresentação das circunstâncias da cena artística e cultural local, Rossi (2014) descreve que o Museu Casa Fritz Alt (MCFA) foi inaugurado oficialmente em 1975, após a residência/ateliê do artista, com um belo panorama da cidade, ter sido comprada pela Prefeitura Municipal de Joinville, em 1970. Possui, em seu acervo, obras, moldes, objetos pessoais, ferramentas, fotos, entre outros, como também a casa em si como patrimônio, que construída entre os anos de 1944 e 1945, em parceria com o arquiteto Paul Helmuth Keller, possui vários esboços, plantas-baixas e vistas efetuadas pelo artista.

O MCFA possui, além de seu acervo e sua história, um desdobramento de seu patrimônio na paisagem local e a sua circunvizinhança que agrega um aspecto natural/ambiental também para as suas ações, oferecendo ao público a sensação de pertencimento a um sistema mais amplo, dinâmico e coletivo.

Como ressalta Nascimento (2014), o Museu Casa foi criado pelo interesse de amigos e intelectuais que se mobilizaram para que o acervo e a casa do artista fossem preservados, seguindo o movimento dos museus na atualidade que engloba, além de suas atribuições convencionadas de guarda, conservação, exposição e pesquisa, a participação da comunidade na criação de vínculos efetivos e afetivos com o espaço onde se encontram. Dessa maneira, o museu necessita ser compreendido como algo que não se esgota na ação contemplativa de um passado, mas efetivamente em relações de estímulo, de formação e informação conectadas ao presente.

Assim, as características dos museus incorporam instituições que procuram relações mais abertas com o seu meio e contextos sociais, explorando diversas possibilidades de proximidade de suas dimensões histórico-sociais,

ambientais, culturais, educativas, entre outras, com o público, tornando-os, por suas experiências e vivências, partícipes de sua própria história (NASCIMENTO, 2014).

2.2.1 Fritz Alt e suas marcas deixadas pela arte

Por meio da arte produzida na cidade, podemos identificar nossas próprias histórias e a trajetória do lugar ao qual pertencemos e habitamos. Nesse contexto, o artista Fritz Alt fez parte da formação da identidade e da presença artística e cultural local.

Filho de um professor, Friedrich Alt (Lich, Alemanha – 1902, Joinville/SC, Brasil – 1968), chegou ao Brasil em 1922. Primeiramente instalado na cidade do Rio de Janeiro/RJ, foi considerado imigrante sem profissão, pois não havia concluído seus estudos no Instituto Estadual de Arte em Frankfurt, assim foi enviado para trabalhar nas lavouras de Alberto Finder em Joinville/SC. Após contrair uma doença, foi tratado por um médico militar no 13º Batalhão de Caçadores, começando a fazer serviços de pintura. Neste período, passa a viver apenas do ofício de escultor, o que lhe traria precariedade e dívidas, mas também muito potencial para a criação, expresso em inúmeros bustos, monumentos e obras (ROSSI, 2014).

Era uma pessoa extrovertida e participativa no círculo social e nas rodas de conversa por seus conhecimentos; e seu gosto pela leitura dos filósofos, acredita-se ter herdado do pai, e os compositores clássicos de sua preferência, Beethoven e Chopin. Pois, “a maior riqueza do homem é sua incompletude”[23] e talvez seu desejo de aprender e criar sempre mais...

Casou-se com Léa Richlin, filha de uma família tradicional da cidade, com quem teve três filhos, herdando como dote a propriedade onde construíram sua residência. Assim, entre altos e baixos em sua carreira e a atuação em outras áreas, Alt não abandonou suas esculturas e aspirações artísticas, tendo criado também projetos de túmulos, baixos-relevos arquitetônicos para a Sociedade Harmonia-Lyra e painéis mosaico para a fachada do SESI na cidade e para a Biblioteca Municipal (ROSSI, 2014).

[23] BARROS, Manoel de. Retrato do Artista Quando Coisa. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998, p. 60.

Das edições da Exposição de Flores e Artes (EFA - iniciada em 1936) e do contrato com a Sociedade Amigos de Joinville (SAJ – décadas de 1940-50), relata Heinzelmann (1991) que surgem obras significativas como as esculturas “O Friorento” (sem data) e “Wieland, o Ferreiro” (sem data), assim como o Monumento ao Imigrante (idealizado a partir de 1947 e inaugurado em 1951) em comemoração ao centenário da cidade de Joinville, e no qual Fritz Alt procurou sintetizar a formação e origens da cidade, em local próximo ao da chegada dos primeiros imigrantes.

Ainda, segundo Heinzelmann (1991, p. 15), “[...] a história de vida de Fritz se parece com um conto clássico sobre o triunfo do talento e da coragem sobre a adversidade”. O artista viveu entre o reconhecimento de alguns de seus projetos artísticos pela comunidade e a desilusão de não executar ou concluir outras de suas obras.

O artista foi desafiado pela modernidade, embora retornasse sempre ao classicismo que era sua formação inicial e pelo qual se consagrou em suas obras principalmente monumentais. Vivia entre a industrialização e a guerra europeia que deixou para trás e o sonho de uma nova realidade em outro país que ainda começava a se modernizar, afirmando-se como escultor e tentando transmitir com intensidade a criatividade e a sensibilidade minuciosa de suas obras.

Fritz Alt movimentou e foi precursor da cena cultural catarinense no início do século XX, influenciando também outros artistas e intelectuais da época. Em 1968, é homenageado pela Casa da Cultura de Joinville, com a inauguração da Escola de Artes que leva o seu nome e, por fatalidade ou emoção, faleceu no dia seguinte próximo ao Monumento do Imigrante (GUERREIRO, 2007).

2.2.2 Proposta Educativa no Museu Casa Fritz Alt

Estando em um local privilegiado por sua paisagem e dimensões conectadas ao ambiente, o MCFA reúne aspectos de Museu Casa, de museu de artes, de museu histórico-biográfico, associando características e potencialidades de um território compartilhado, onde as vivências da comunidade de hoje e de outrora

estão inseridas e constantemente ressignificadas. Dessa maneira, Nascimento (2014) comenta que o Museu Casa busca em seus projetos educativos enfatizar a história local pela perspectiva artística de Fritz Alt, bem como o patrimônio cultural, natural, material e imaterial formadores de seu contexto.

Compartilhando e socializando o conhecimento em meio ao espaço do Museu Casa, os visitantes são provocados a relacionar seus saberes, fazeres, os transformando continuamente. Ainda, Nascimento (2014) expõe que o museu, também por sua ação educativa, torna-se um lugar de interação e integração da escola e as atividades em sala de aula com a comunidade e seus processos, vivências e histórias.

A proposta educativa procura despertar o espírito crítico e criativo, motivados pelo diálogo e reflexões constantes, instigando formas diferenciadas de apreendermos a nossa realidade. Para aproximar a relação do Museu Casa com as escolas e pelo fechamento temporário do museu para restauração e readequação arquitetônica (vem ao longo dos anos retornando as atividades e está parcialmente aberto ao público), o corpo técnico elaborou exposições itinerantes a fim de que se possibilitasse a divulgação do espaço museal e também como forma de enfatizar a história e a arte locais, como menciona Nascimento (2014).

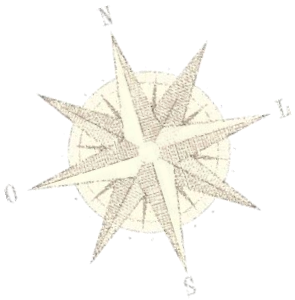
Contudo, é um museu atuante, que procura dinamizar seu ambiente e também disponibiliza um espaço para a realização de oficinas, mantendo ativa a proposta de ateliê do próprio artista, agregando um espaço de patrimônio, memória e identidades e um espaço lúdico, envolto à natureza e com múltiplas alternativas de ação.

Nesse item, portanto, buscamos dar visibilidade aos espaços que habitam a escola e o museu, enfatizando os aspectos conceituais, bem como as propostas evidenciadas, tanto no CEI Jardim Sofia como no Museu Casa Fritz Alt.

Identificar esses aspectos foi fundamental para que pudéssemos colocar em prática nossas ações em mediação cultural com as crianças e identificássemos as vivências perceptivas dos pequenos na escola e no museu por meio das linguagens/expressões da arte. E no final...descobrimos, como o menino, que escrever era como carregar água numa peneira! Aprendemos a usar as palavras para contar histórias e viver o mundo![24]

[24] Trecho adaptado da obra Exercícios de Ser Criança de Manoel de Barros (1999).

PERCURSO 3. PROPOSTA CONCEITUAL: SERÁ ESSA A ILHA DESCONHECIDA OU A TERRA DO NUNCA?



"[...] quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver; Não o sabes, se não sais de ti, não chegas a saber quem és..."
José Saramago[25]

Neste percurso, avançamos, caminhando...Tudo nos invadia ao mesmo tempo: estudos e discussões sobre criança/infância, mediação cultural, curadoria, abordagem cartográfica e as experiências. Pensávamos o tempo todo na importância dos atravessamentos das linguagens/expressões das artes, mas também na articulação CEI e museu. Autores como Ostrower (2002) e Obrist (2014) nos ajudavam a entender melhor essas relações entre desenho/modelagem e imaginação, e formas outras de sentir/aprender.

Além dos autores e das experiências, evidentemente, estarão conosco os personagens do Conto da Ilha Desconhecida de Saramago e do clássico de J. M. Barrie, Peter Pan. Pensando no porquê dessa escolha, chego à conclusão de que não foi exatamente eu que os escolhi...Peter Pan e os demais personagens me escolheram...Desejaram trilhar caminhos imagéticos com as crianças, professoras e pesquisadoras. Aqui com meus botões, penso que as escolhas nos remetem também as nossas histórias de infância, de adolescência, de alguém que busca nos caminhos da vida a essência de ser e estar no mundo.

3.1 Pensando a Curadoria nos espaços do Centro de Educação Infantil Jardim Sofia: desatando os nós

A seleção de fotos/imagens, referentes às obras, objetos pessoais do artista local Fritz Alt, bem como de monumentos espalhados pela cidade e espaço externo do Museu Casa Fritz Alt, antiga morada do artista, nos absorveu e nos inspirou na realização de uma curadoria nos espaços do CEI pois "[...] não ignoro que todas as

[25]Saramago (1998, p. 40).

ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcamos nelas [...]".

Dessa maneira, para que pudéssemos selecionar as fotos/imagens, foram necessários muitos encontros/reuniões no Museu Casa para que pudéssemos revisitar o local, pesquisar arquivos, livros e conversar longamente com o atual coordenador do Museu Casa.

Figura 12 – Conversas no Museu Casa Fritz Alt

Fonte: Da autora.

Foi nas intermináveis e significativas conversas até o entardecer, que decidimos conjuntamente utilizar dez fotos/imagens das obras e vida do artista Fritz Alt (Figura 13). Escolhemos as fotos/imagens (entre)laçando ideias entre as três linguagens/expressões da arte (música, dança e artes visuais). Ampliamos para o formato A3 e plastificamos para dar firmeza e mobilidade. Queríamos que as fotos/imagens fizessem parte da mostra que seria organizada no CEI e

posteriormente no Museu Casa, do diálogo, da história e do percurso! O processo de criação, de curadoria criativa, pensado para a infância, já havia dado início.

Figura 13 – Composição das fotos/imagens das obras/vida do artista Fritz Alt

Fonte: Da autora.

Chegamos ao consenso desse número para que pudéssemos instigar o interesse e as perguntas das crianças e do público em geral (já que aconteceria no mesmo período um encontro com a comunidade na escola), sem cansá-las ou tirando a expectativa do que viriam a experienciar posteriormente.

Marcamos uma visita ao CEI Jardim Sofia para escolhermos o ambiente da mostra, elegendo o espaço de passagem para as salas de estudo/lazer das crianças. Escolhemos um lugar de travessia porque “[...] a criança viaja. Atravessa. Passa entre suas travessuras. E assim, ela entra na pausa sem saber que está na pausa. Abre o tempo como quem abre um brinquedo. Desarma o tempo como desarma a linguagem” (SKLIAR, 2014, p. 27). Desejava, como dizia Saramago (1998), “[...] encontrar a ilha desconhecida...” no CEI Jardim Sofia. Ah! Como desejava!

Após alguns encontros e decisões com nossa equipe e a coordenação do Museu Casa, fomos até o CEI para dar início à expografia, instalando as fotos/imagens, já causando uma agitação no local, afinal éramos ainda estranhas às crianças. Foi um reboliço total! As crianças queriam saber se o que estávamos organizando era para elas e o que nós faríamos ali. Algumas professoras paravam para conversar um pouco conosco e saber mais da proposta de curadoria, e dessa forma o suspense pelos acontecimentos pairava no ar (Figura 14).

Figura 14 – Processo criativo de curadoria/expografia, antes, durante e depois...

Fonte: Da autora.

Precisávamos organizar as fotos/imagens e os recursos que selecionamos para compô-las no local escolhido. A nossa curadoria contou, assim, com a preparação do local, a construção de livros de assinaturas para as crianças, um painel para as contribuições e impressões da comunidade em geral, um texto crítico

e a sinalização das fotos/imagens. Pois, esses espaços podem ser instigadores de experiências, sensibilidades e aprendizagens múltiplas, envolvendo o observador/fruidor/visitante e seus mediadores.

Dessa maneira, a curadoria educativa também se constitui como processo criativo que permeia e mantém laços com a educação; quando comunica, dialoga, relaciona, provoca sentidos, saberes e fazeres, e da mesma maneira mobiliza as manifestações expressivas no outro e com o outro. Marinho (2014, p. 63) nos fala que "[...] tanto na criação como no aprendizado, a criatividade, a tomada de decisão, a sinestesia com os outros e com o mundo são dispositivos atuantes que influem em todo processo artístico-pedagógico".

A curadoria para nós é, inclusive, uma ferramenta pedagógica, mediante a experiência e a atitude colaborativa, trazendo o compartilhamento da aprendizagem por meio das linguagens/expressões da arte e a prática artística, interligadas. Faz também do exercício pedagógico uma prática de criação e meio fértil para as percepções em torno da arte, de seus objetos, de seus observadores, e de seus meios expositivos (MARINHO, 2014).

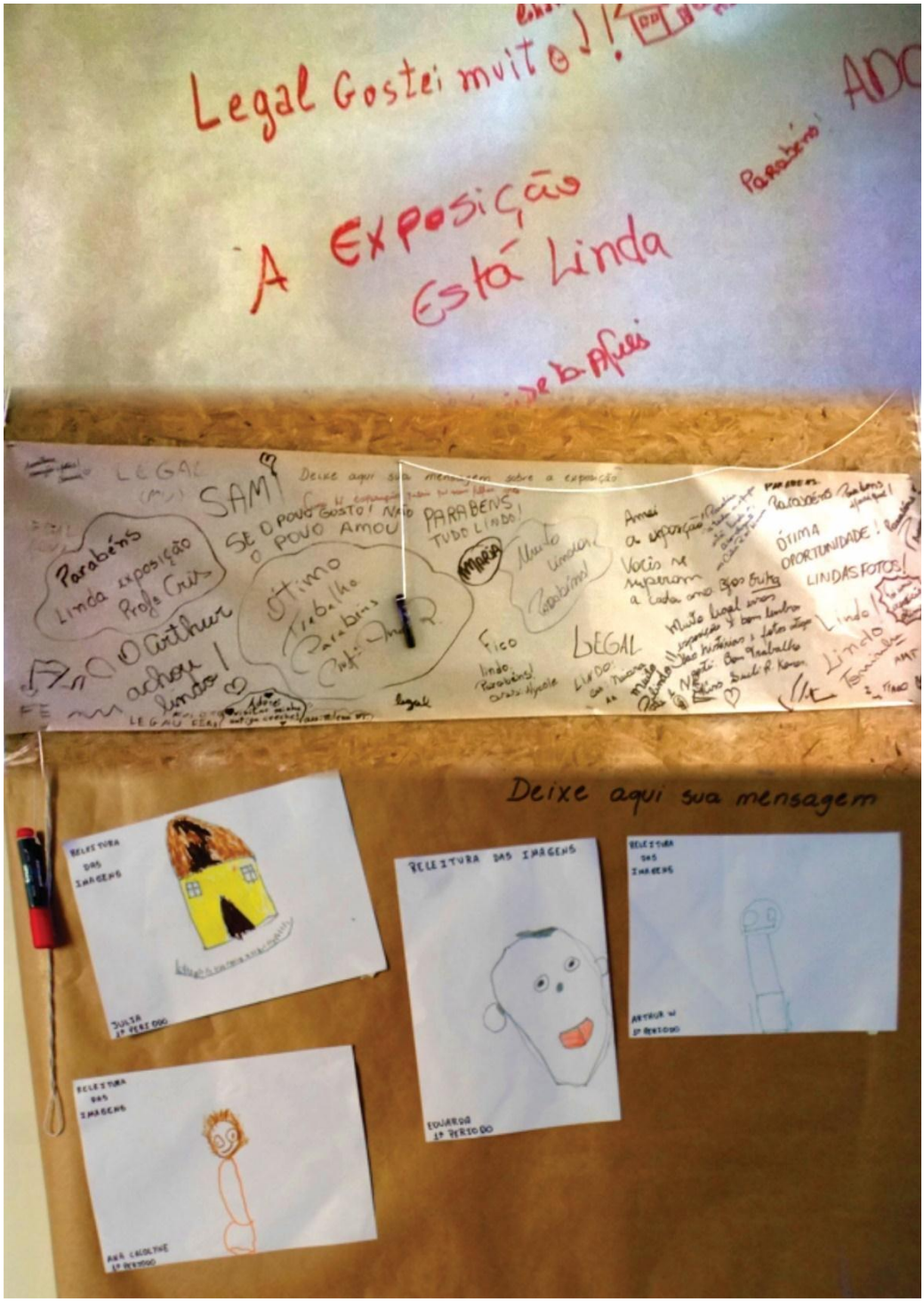
A construção de um banner (apêndice A) contribuiu para que as pessoas que ali transitavam e interagiam com a mostra (comunidade interna e externa da instituição) pudessem melhor compreender nosso objetivo e especialmente o que se pretendia com a curadoria naquele espaço.

O texto crítico para o banner, assim como o processo de curadoria, nos possibilitou refletir sobre as diferentes formas de instigar experiências sensíveis, dentro e fora dos muros da escola, e a complexa empreitada de desenvolver pesquisas incorporando saberes e fazeres, unidos e compartilhados, com impactos e efeitos singulares para todos os integrantes.

Escrever o texto para o banner foi um exercício muito significativo para nós, pois possibilitou pensarmos na pesquisa (entre)laçada que estávamos desenvolvendo; articulando as linguagens/expressões sonoras, visuais e corporais e as ações de mediação cultural, inaugurando um percurso de experiências. Estávamos fazendo parte da construção de identidades naquele lugar e do desenvolvimento cognitivo e sensível das crianças, das pessoas em nosso entorno e de nós mesmas.

Na mesma semana da construção curatorial, o CEI recebeu os familiares e a comunidade do bairro Jardim Sofia, em um evento de integração/interação. Na oportunidade, apreciaram também a mostra, deixando suas impressões no mural de recados.

Figura 15 – Foto/Colagem do mural no CEI – Jardim Sofia



Fonte: Da autora.

A ideia foi deixar esse espaço harmônico para as mediações que se seguiram posteriormente, potencializando também a nossa atuação e a nossa visão como mediadoras/interlocutoras/participantes nesse processo.

Na sequência, criamos e confeccionamos também cadernos de assinatura para as crianças (Figura 16). Amplos, coloridos e convidativos. O objetivo dos cadernos foi possibilitar, assim como ocorrem nos livros de assinaturas das exposições em espaços culturais, que elas pudessem registrar suas marcas e impressões (rabiscos, desenhos, manchas, nomes espelhados ou não...), após as experiências com a ação mediadora e expedição pela mostra, de forma lúdica e integrada, pois os deixamos em mesas com lugares para quatro/cinco crianças simultaneamente.

Figura 16 – Cadernos de assinatura das crianças

Fonte: Da autora

Essas questões nos remeteram à Larrosa (2004, p. 152) quando diz que “[...] não pensamos com pensamentos, mas com palavras [...]”, para que com a argumentação do pensamento associado à palavra possamos dar sentido ao que nos acontece, da mesma forma o que nos acontece e o que nos afeta também são mais do que simplesmente palavras. Em meio a esse multifacetado evento em que

estão as possibilidades de produção de sentidos, a partir desses mecanismos existenciais e estéticos é que se pretendeu pensar a educação valendo-se da experiência (LARROSA, 2004).

Dessa forma, procuramos na mostra apresentar um olhar pedagógico, buscando uma integração entre os aspectos educativos e a curadoria — sem que um se sobrepusesse ao outro, atentas àquilo que seria imprescindível para a apreciação/intervenção das crianças, como fotos/imagens de boa qualidade, que possibilitassem o manuseio, dispostas na altura delas, com boa iluminação.

E, com a curadoria, consoante às observações feitas por Martins e Grupo de Pesquisa: Mediação Arte/Cultura/Público (2012b, p. 64), pretendíamos "[...] ampliar o olhar, mais profundo e inquieto, (...) não somente centrado na Figura, mas em uma experiência, um caminho que leve a pensar a vida, a linguagem da arte, provocando leitores de signos [...]".

A curadoria tem, conforme Vergara (1996), o intento de propor uma dinâmica na relação do sujeito com o mundo, expandindo o processo de consciência crítica, percepção imaginativa e identificação cultural pelo viés da experiência estética. Dessa maneira, trazer a arte para perto das pessoas, problematizando-a, bem como tornando-a acessível aos mais diversos públicos, é fundamental no processo de construção de identidades e na ampliação do ser sensível.

Expandir a experiência do olhar e da percepção das crianças com a arte, potencializando sua atividade criativa e criadora, foi nosso intento com a curadoria e a mostra. Entendemos também que o trabalho de curadoria deva ser fortalecido nas escolas e centros de educação infantil, pois permite relações entre a arte, os sujeitos e a sociedade, intensificando sua ação cultural.

3.2 Vivências e mediação cultural no Centro de Educação Infantil Jardim Sofia

Chegou a hora de alinhavarmos as ações da mediação cultural, que faríamos junto às crianças da turma de 4 e 5 anos, tendo a companhia sempre atenta da professora da turma. Para isso, preparamos um roteiro para nos basearmos, já que

uma ação estática e pré-determinada não estava em consonância com a nossa proposta.

Arrumamos mesas e cadeiras da altura das crianças, cortamos a argila em pequenos pedaços e separamos palitos sem ponta e copinhos de acrílico. Também arrumamos os instrumentos musicais no palco e o papel Kraft no chão, aguardando a mediação em musicalização e dança/movimento.

Para a sequência, foram pensadas estratégias que mobilizassem a passagem das crianças pela mostra, encorajando o diálogo entre elas e, entre nós, pesquisadoras e elas. Na mediação, se fariam presentes as linguagens/expressões das artes visuais, da música e da dança/movimento, formando um conjunto de experiências e sentidos. Como declara Ostrower (2002, p. 34), as linguagens/expressões da arte configuram também a materialidade de potencialidades da nossa imaginação, dos elementos, formas e meios, e da realidade, "[...] pois na forma a ser dada configura-se todo um relacionamento nosso com os meios e conosco mesmo [...]". E assim nos fala Saramago (1998, p. 40) "se não sais de ti, não chegas a saber quem és..."; quem sabe esses momentos de mediação nos desvelariam a pesquisa-intervenção, quem somos e se as relações entre todos os envolvidos contribuiriam para as vivências nessa misteriosa jornada de mediações.

Dando prosseguimento, fomos até a sala onde estavam as crianças e, ao som da flauta tocada por Mirtes, convidamos aqueles pequenos de olhos e ouvidos bem atentos, a passear pela mostra que havíamos organizado especialmente para elas.

Como as fotos/imagens estavam na altura dos seus olhos e das suas mãos, as crianças circulavam entre elas, num misto de curiosidade e prazer. Podiam pegá-las, dançar com elas e é claro fazer muitos comentários e perguntas também: "quem é esse?", para uma foto/imagem de Beethoven[26]; "quem é essa?", referindo-se á foto/imagem de Dona Francisca[27]; "por que está sem cabelo?", sobre a foto/imagem de A Vida e Morte[28], "é uma caveira?" Opinaram também sobre a bicicleta de Fritz e uma das crianças comentou que já havia visitado o Museu da Bicicleta[29] com os

[26] Busto em bronze de Beethoven, s/d. GUERREIRO, 2007, p. 53.
[27] Busto a Dona Francisca, de 1926, primeira obra pública do escultor. GUERREIRO, 2007, p. 31
[28] A Vida e a Morte, de 1955. GUERREIRO, 2007, p. 53.
[29] O Museu da Bicicleta faz parte de uma unidade da Fundação Cultural de Joinville denominada "Estação da Memória", reinaugurado em 2013. Disponível em: <http://www.museudabicicleta .com.br/index2.html>. Acesso em: 30 jun. 2016).

familiares, e observando a foto do Museu Casa, uma delas exclamou: “como essa casa é velha!”. Nós as encorajávamos a fazer mais perguntas, não prontamente as respondendo, mas motivando novas questões, dando espaço para múltiplas interpretações e percepções; para que dessa maneira possibilitasse a construção de um diálogo e para que de certa forma tentássemos capturar as conexões/relações que seriam provocadas pelas crianças com a mostra.

Foi uma festa e de verdade não esperávamos tanta intervenção das crianças. Elas se expressavam das mais variadas formas: pelo corpo, pela sonoridade e pela visão. Muita curiosidade estava instalada naquele grupo de crianças que, naquele momento, estavam experimentando, apenas.

Essa é a criança que encontramos, cheia de entusiasmo, participante, construtora de identidades e atuante como sujeito de seu aprendizado. Para elas:

> [...] há um mundo novo, criação, transformação porque há a infância, porque é possível frutificar o acontecimento que leva consigo cada nascimento. A infância é o reino do “como se”, do faz de conta, do “e se as coisas fossem de outro modo...? a forma única, e, a uma só vez, múltipla de todo acontecimento [...] (KOHAN, 2008, p. 47).

As crianças carregam em si a potencialidade para a criação, elas estão abertas para o novo e o mundo ressurge por meio delas em todo o seu devir. E a experiência, a interação com o outro e com o meio, são condições pelas quais se manifestam mais intimamente os sentidos e significados.

As vivências na infância evidenciam os modos de ser criança com suas múltiplas linguagens, experimentação de fazeres, construção de saberes e sentidos. Revelam-se como sujeitos que adquirem e produzem conhecimentos socialmente acumulados e universalizados pela escola, com início na educação infantil e também em contato com o mundo sensível.

Esse mundo, formado de espaços diferenciados e com a contribuição de campos de conhecimento como a sociologia, a antropologia e a arte, promovem novos encontros com as crianças, possibilitando a nós, adultos, ver e escutar seu jeito singular de ser (OSTETTO, 2007).

Sendo assim, após a primeira etapa do passeio pela mostra, já com as mesas preparadas para a experiência com modelagem, convidamos as crianças a ocuparem seus lugares. Num primeiro momento, a relação foi entre a criança e o material (Figura 17). Cheiravam, amassavam, cortavam a argila, usando os copinhos

e palitos disponibilizados como acessórios e quando nos perguntavam o que deveriam fazer tentávamos reverter perguntando o que desejavam fazer.

Figura 17 – Crianças modelando com argila

Fonte: Da autora

Percebemos que a argila, para as crianças, era uma textura muito mais compacta e maciça do que as massinhas de modelar comerciais com que já haviam tido contato. Mas quando colocaram água, começaram a examinar a relação da argila e sua viscosidade com o que já haviam brincado ou passado na rua e em terrenos conhecidos...Era lama! O mundo e suas descobertas...E como nos fala Saramago (1998, p. 40) “não o sabes, se não sais de ti”. Sim, aquelas crianças

vagavam em mundos desconhecidos e nós acompanhávamos esse processo, vagando também para zonas desconhecidas!

As crianças então iniciaram a ação desembaraçadamente: sozinhas, em dupla ou mesmo em grupos, conversavam e davam opiniões ou ainda colaboravam umas com as outras. Algumas, com o olhar distante, davam a impressão que estavam a imaginar o que fazer. Em seguida, testaram a consistência da argila, distribuindo-a em partes, separando e juntando, comentando sobre a sua consistência: dura, mole, molhada, lisa, escorregadia.

E, assim, a experiência continuou. As crianças criaram com a argila diversas formas: altas, baixas, compactas ou volumosas de onde surgiram algumas cabeças, de personagens, animais, que felizes colocavam nomes e contavam histórias. Leite (2007, p. 50) enfatiza que "[...] a criança produz cultura quando atribui significados às suas experiências. Ela (re)significa o vivido, o ouvido, o visto, o sentido, o provado, o cheirado e os transforma de maneira própria e autoral". E, dessa maneira, cada história ou narrativa parecia remeter às experiências e preferências das crianças, com a família, a escola, os desenhos animados, os animais fantásticos, entre outros. Era o contexto cultural invadindo suas almas!

Figura 18 – As formas da imaginação na modelagem?

Fonte: Da autora.

Dessa maneira podemos constatar que o tridimensional pode contribuir para que as crianças desempenhem suas potencialidades também pela apropriação das vivências que possibilitam a percepção da organização espacial, do volume, do peso, da textura entre outras. As experiências com a tridimensionalidade promovem também a relação do corpo com o espaço, desenvolvendo a coordenação motora ampla, a abstração, a expressividade e a interação social (STAMM, 2007).

Estávamos bastante ansiosas e com dúvidas se as crianças fariam alguma relação com a mostra de fotos/imagens e o que ouviram e comentaram sobre esculturas e monumentos. As relações não vieram pela voz das crianças, mas, lá no fundo achávamos que em algum momento perceberíamos essas relações. Não havia pressa...Agora era tempo de deixá-las absorvidas pelo fazer, pelo brincar simplesmente. A ludicidade estava no ar!

No entanto, para nós adultos, como é difícil a espera pelo resultado e pelo imediato. Inicialmente, não comentei com nenhum dos envolvidos na pesquisa sobre minha angústia, mas me senti um pouco derrotada, não havia ainda compreendido a processualidade da nossa atuação e que a criança tem um tempo diferente do nosso.

Dessa maneira, a abordagem cartográfica é assumida como *performance* de pesquisa em que os processos e os movimentos da investigação são acompanhados e não somente resultados são apontados. No plano da experiência, os objetivos e a problemática procuram aproximar conhecimento e criação que se configuram como política cognitiva, enquanto trata da complexidade ética-estética-política da ação do pesquisador. Essas práticas de produção de conhecimento e intervenção sobre a realidade constituem uma caminhada de pesquisa, que tem em consideração a produção coletiva de conhecimento, o deslocamento de pontos de vista, a ocupação de territórios, os movimentos e a apuração da atenção entre outros percursos (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2014).

As crianças são sempre surpreendentes. Para minha surpresa, quando propomos migrar para a próxima mediação, algumas delas reclamaram, dizendo que ainda tinham ideias sobre o que fazer com a argila e que não haviam terminado... Naquele momento, percebemos ser necessário disponibilizar mais tempo para elas e segundos depois todas já estavam com a atenção voltada para outros interesses. Foi quando ouvimos uma voz que vinha de cima de um banquinho...O menino pulou,

dizendo: “eu fiz uma arte que nem a do Fritz!”. Nossa! Estaríamos nós encontrando uma das ilhas desconhecidas de Saramago (1998)?

Na sequência, as levamos para outro espaço, agora no intuito de tratar da musicalização, com Mirtes coordenando a mediação. Os instrumentos (sinos) coloridos e a flauta rosa foram os meus instrumentos favoritos...E de algumas crianças também. Tocamos e cantamos juntos, numa pequena orquestra sonora e visual.

No início, Mirtes estava ao teclado, e eu e Daniela em frente às crianças ansiosas também pelo que iria acontecer. Cantamos então com elas algumas músicas conhecidas e aprendemos tentando ensinar outras, como Bão Ba La Lão, senhor capitão, espada na cinta e ginete na mão! Ainda posso ouvi-las em minhas memórias. Logo, estávamos as três em frente ao palco (Figura 19), cantando e movimentando, explorando sonoridades, gestos e toda a visualidade daquele momento único.

Figura 19 – Em outra dimen[som]

Fonte: Da autora.

Por certo que nas mediações tínhamos nossas ações com cada linguagem/expressão e colaboração com as demais, mas em alguns momentos nos sentimos assim como as crianças — afetando-nos mutuamente e descobrindo novas experiências e formas de aprender.

A experiência da ação mediadora com as crianças procurou explorar a complexidade dos acontecimentos e das vivências e as relações provocadas ou não

no cotidiano, valendo-se de uma nova postura “[...] abrindo o campo do conhecimento não apenas aos saberes disciplinares, mas também às histórias de vida e aos saberes não acadêmicos e às tradições” (MORAES e BATALLOSO, 2015, p. 93), conectando-se com a multiplicidade de referências e aspectos de ser, estar, aprender e ensinar no mundo.

Em vista disso e passada a mediação em musicalização e com Mirtes ainda ao teclado, entra em cena Daniela, dando início a mediação em dança/movimento, com movimentos lentos e rápidos sobre o papel Kraft colocado ao chão, em um bailado esvoaçante, risonho e divertido (Figura 20).

Distribuímos em seguida canetões para as crianças e, ao som do teclado tocado por Mirtes, elas marcavam com os canetões suas impressões sobre o papel. O corpo em movimento, acompanhando os ritmos do teclado, ora lentos, ora rápidos se enroscava no papel. Uma dança que não sabíamos mais quando iniciava o rabisco, o movimento e os olhos que percorriam brejeiramente cada passo, cada experiência. Como bem diz Saramago (1998, p. 40) “se não sais de ti”, não consegues sentir o sentido!

Figura 20 – Corpo, música e arte

Fonte: Da autora.

Após muitos movimentos, o corpo já cansado, as crianças deitavam-se languidamente pelo mesmo papel Kraft que agora as acolhia. E, então, a música cessou e as crianças buscavam pelo espaço onde estavam seus sapatos... “O meu

está lá", dizia uma das crianças, correndo em direção ao sapato. E assim cada uma delas colocou os seus amarrando-os silenciosamente. O que estariam a pensar?

Entre movimentos e pensamentos será que conseguimos fazer desse nosso encontro um momento instigante e repleto de sensibilidades? A mediação cultural procura estabelecer um diálogo entre a produção e objetos artísticos, o espaço, o fruidor e o intermediário/mediador. A mediação tenta captar e potencializar as descobertas, as sensações, a imaginação, a memória, a percepção, entre outros aspectos, e muitas conexões que envolvem os contatos entre os sujeitos, a arte e a cultura.

São muitos os mediadores possíveis, como a ação educativa, a curadoria, a mídia, os livros, os familiares, as práticas provocativas de educadores, viver novas experiências...Mas o maior propósito em nossa pesquisa foi provocar a vivência das crianças por meio de uma educação sensível possibilitando-as "[...] perceber como o homem e a mulher, em tempos e lugares diferentes, puderam falar de seus sonhos e seus desejos, de sua realidade e de suas esperanças através da linguagem da arte" (MARTINS, 2012a, p. 29).

Assim, quando as crianças acharam que tudo havia terminado, as convidamos a passear pela mostra novamente. Porém, dessa vez a experiência foi muito diferente...Elas seguiram cantando e, ao chegar agora na mostra, paravam e olhavam detalhes que antes haviam passado despercebidos. A conversa entre elas foi mais divertida e curiosa. Já não mais perguntavam, mas narravam situações cotidianas, fazendo suas próprias relações e criações.

Diziam: "minha casa também tem grama e é pequena"; outra: "moro num apartamento, mas, minha mãe me leva no parquinho..."; e outra: "minha tia é bem parecida com aquela mulher", se referindo à imagem da Dona Francisca. Em nossa aventura, navegamos por mares distantes e retornamos, uma vez que "[...] é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não saímos de nós [...]"[30]. E, quantas narrativas de vida estavam ali presentes pela voz daquelas crianças! Quanto aprendíamos também com elas!

(Entre)laçamos o ensinar e o aprender dessa vivência por meio da experiência e, "[...] tampouco causaria surpresa dizermos que, no processo de

[30]Saramago (1998, p.41).

conhecer, há um percurso que passa pela curiosidade, pelo mistério e pela magia do mundo, alcançados pela experiência" (OSTETTO, 2007, p. 36).

A ação mediadora não se refere apenas e tão só à comunicação de saberes, mas, sobretudo, permite praticar o olhar atento e a generosidade, inseridos em um espaço de trocas, de contato com as descobertas e as singularidades do outro, e com a multiplicidade de realidades que cada processo apresenta (DONATO, 2014).

Logo após a passagem pela mostra, convidamos as crianças a registrarem suas impressões nos cadernos/livros que havíamos preparado especialmente para elas. Ali, poderiam registrar os seus momentos com canetinhas e giz de cera (Figura 21). Entre desenhos, garatujas e esboços de letras, nossos pequenos criativos queriam guardar e narrar suas memórias, impressões e também agradecimentos pela manhã que passamos juntos.

Figura 21 – Crianças nas mesinhas de assinatura

Fonte: Da autora.

Esta etapa de percurso e de conto nos fez pensar sobre nossas ações e, assim como para Martins (2014, p. 214), refletir acerca da "[...] aproximação sensível com a arte, com a provocação de experiências estéticas, a ampliação do repertório cultural e a contaminação da curiosidade, da abertura, do querer se aproximar mais das manifestações artísticas [...]".

Quando os pais vieram buscá-las, se despediram novamente de nós, perguntando se podiam levar suas produções para mostrar aos familiares, e

apontando e contando aos pais o que havia acontecido naquela manhã e "[...] pela hora do meio-dia, com a maré, A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma".[31] Os pais ficaram curiosos e seguiram com as crianças conversando...

Ao final das vivências, acomodamos os materiais, arrumando os espaços do CEI como estavam dispostos inicialmente, recolhendo também as produções das crianças. Em seguida, organizamos uma roda de conversa com as duas professoras (a de classe e a auxiliar), a coordenadora pedagógica e a diretora do CEI e a coordenadora da Secretaria de Educação do Município de Joinville (SEMJ).

Vale ressaltar que não fizemos entrevistas e sim colocamos a roda a funcionar com questões que foram importantes na visão de cada uma. Neste momento, muitas questões vieram à tona! A coordenadora do CEI comentou sobre a importância que foi para ela acompanhar todo o processo e que foi também um grande aprendizado. Pois ver as crianças dançando, ouvi-las cantando e modelando possibilitou perceber que muitas vezes não identificamos os diversos potenciais expressivos que as crianças têm. A coordenadora da SEMJ destacou a relevância da pesquisa, afirmando que a parceria universidade e rede pública é fundamental para que se tenha uma educação democrática, que vise o sujeito crítico, autônomo e sensível.

Em seguida, uma das professoras destacou o grande valor de buscarmos alternativas de outros espaços, mesmo dentro do CEI, para realizarmos um encontro com as artes. Ela discutiu o fato de ter ficado impressionada quando um corredor de passagem havia se tornado espaço de mostra de arte. Também se interessou pela utilização do refeitório, que se transformou em minutos num espaço musicado e de dança.

A diretora comentou sobre o momento em que as crianças se apropriaram da argila para criar formas e narrativas. Visto que havia percebido um brilho nos olhos das crianças ao modelar a argila e perceberem quantas formas e narrativas poderiam absorver daquele momento. A equipe do CEI observou que estavam muito surpresas e curiosas.

[31] Saramago (1998, p. 62).

Para nós, também foi uma experiência única, pois nosso papel de aprendizes foi relevante. Aprendemos com as crianças e umas com as outras (pesquisadoras), numa interação quase mágica entre tantas linguagens/expressões artísticas.

A experiência no CEI Jardim Sofia nos possibilitou um mergulho em nós mesmas e no outro. “Então estás decidido a ir comigo procurar a ilha desconhecida?”

3.3 Pensando a Curadoria nos espaços do Museu Casa: a busca do encantamento

Desembarcando na ilha desconhecida do Museu Casa Fritz Alt, avistamos o que nos parece ser a Terra do Nunca, “[...] pois a Terra do Nunca é sempre mais ou menos uma ilha, com pinceladas maravilhosas de cor aqui e ali, e recifes de coral e barcos velozes prontos para zarpar”.[32]

A curadoria no Museu Casa consistiu principalmente em conectar artes, culturas e contextos. De maneira que não fosse apenas e tão somente, preencher espaços expositivos, mas aproximar componentes em um projeto que comunicasse percepções e ideias associadas aos objetos artísticos. Amplificando o âmbito da curadoria, poderíamos torná-la sensível ao cenário das artes, acompanhando as experiências sensíveis das crianças (OBRIST, 2014).

Pretendíamos, no espaço educativo do museu, criar uma atmosfera onde as crianças, os demais participantes e os visitantes, pudessem ser acolhidos e compreender os caminhos percorridos em nossa investigação, sentindo-se partícipes desse movimento.

A mostra que preparamos no Museu Casa reuniu as produções que as crianças haviam realizado no CEI (modelagem, desenho), as fotos/imagens de obras que fizeram parte da mostra no CEI, monumentos e objetos pessoais do artista, bem como da sua casa, e os cartões construídos pelas crianças no museu. Elaboramos também uma recepção aos nossos pequenos viajantes culturais, com a presença do quarteto de flautas do Conservatório Belas Artes de Joinville, que tocou músicas do repertório preparado para as mediações.

[32] Barrie (2013, p. 18).

Posteriormente às ações de mediação cultural com as crianças na mostra, esta também seria aberta ao público como parte da ação educativa do Museu Casa.

O fechamento de nossas ações com essa mostra lembrou Obrist (2014) ao comentar sobre sua experiência com a exposição *Laboratorium,* associando a imensa afinidade com o termo entremeio (comentando o crítico Homi Bhabha) e com o qual também fizemos correlações. Afirma ainda que a palavra criar, em combinação com arte e ciência e, ouso dizer aqui também, entre arte e pesquisa, possibilita uma abertura intermediária, proporcionando associações múltiplas e inovadoras.

Figura 22 – Mostra Infantil do CEI Jardim Sofia exposta no Museu Casa Fritz Alt

Fonte: Da autora.

Assim, podemos dizer que ao concluirmos a curadoria educativa e executarmos a expografia no CEI e, posteriormente no Museu Casa, expressamos também o nosso olhar e pensar sobre o mundo, as potencialidades da educação em arte no espaço escolar e nos espaços culturais e principalmente nossa visão, nossas vivências e nossas conexões acerca das ações de mediação cultural.

Exploramos, sobretudo, os processos de criação, pois como afirma Obrist (2014, p. 204) “[...] as exposições, acredito eu, podem e devem ir além da simples ilustração ou representação. Elas podem reproduzir realidades em si mesmas”.

3.4 Vivências e mediação cultural no Museu Casa Fritz Alt

Empenhamo-nos para executar este momento desde o nosso encontro no Centro de Educação Infantil Jardim Sofia e agora estávamos esperando pelos pequenos curiosos e suas professoras, com bastante ansiedade na “Terra do Nunca”, o Museu Casa Fritz Alt.

E, assim, este percurso da aventura começou bem cedinho em um dia ensolarado, apesar das previsões do tempo, que apontavam um dia nublado e chuvoso...Esperávamos com tudo pronto, pois as crianças logo chegariam.

Preparamos o local para as mediações nas linguagens/expressões da musicalização, da dança/movimento e das artes visuais como fizemos no CEI. Porém, com novas perspectivas e ações; uma mostra Infantil com as produções realizadas pelas crianças na ocasião da mediação no CEI e outras que realizariam no Museu Casa.

Elas chegaram perto das nove horas em um ônibus que ressoava em gritinhos, risos e muita curiosidade! Para as crianças, visitar a casa do Fritz que tanto havia sido falado era quase um conto de histórias.

Chegaram bem na hora do café e então as acolhemos — crianças e professoras em uma mesa com toalhas coloridas, na varanda do anexo do Museu Casa (Figura 23). As professoras trouxeram o lanche do CEI para que as crianças pudessem compartilhar do mesmo alimento. Aromas de bolachas, sucos, rosquinhas

e outras gulodices invadiam a varanda e nos convidavam também a compartilhar aquele momento tão interessante.

Quando todos já haviam saboreado o lanche, conversamos com as crianças, desvendando parte do mistério — nosso primeiro percurso, que seria um passeio pelo Museu Casa, iniciando a mediação em musicalização.

Figura 23 – Acolhendo nossos novos tripulantes

Fonte: Da autora.

Tínhamos deixado os instrumentos musicais, os mesmos utilizados anteriormente no CEI, em cima de umas banquetas feitas com troncos de madeiras, que ficavam bem à frente desse anexo, no intuito de instigar a curiosidade delas.

Antes de iniciarmos efetivamente a mediação, o Coordenador do Museu Casa se apresentou para as crianças, falando um pouco sobre o local. Mas... As crianças estavam mesmo interessadas em explorar o lugar e suas possibilidades. E, assim, a conversa tomou novos rumos em que os personagens do museu ganhavam vida!

Na continuação do diálogo, quando questionadas se gostavam de fazer arte, responderam que sim: “de desenhar, de pintar e de cantar!”, disse uma delas. Em seguida, uma vozinha tímida gritou ao longe “faço balé de música!” e, então, aproveitamos sua fala para apresentar uma nova música, agregada de uma história que destacava a chuva, tão presente em nossa cidade. Ela começava assim: A chuvinha cai / A chuvinha cai / Plim-plim / Plim-plim / A chuvinha cai...

Assim, neste dia a chuvinha caiu com as nossas vozes. Naquele instante, sugerimos que pegassem os instrumentos, que estavam em cima dos troncos. Foi

uma correria geral com o soar dos diversos instrumentos, tocados todos de uma vez só. Depois dessa primeira mediação, ao som da flauta de Mirtes (pesquisadora em música), foi se organizando uma diminuta orquestra que, em um pequeno intervalo, as crianças tocavam e cantavam junto conosco.

Dessa maneira, percebemos, como comenta Charlot (2013), que as relações com o saber e com o aprendizado se constroem a partir do sentido. Sentido esse associado também ao prazer em aprender e a apropriação de um patrimônio cultural e intelectual.

Figura 24 – Acolhimento musicalizado

Fonte: Da autora.

Passado este momento, nos dirigimos à porta do Museu Casa. Neste trajeto, ao som da flauta, as crianças correram ladeira abaixo agitando os instrumentos que ainda estavam em suas mãos. Chegamos ao destino envolto aos sons dos instrumentos, da natureza e das vozes das crianças. Na porta da sala de exposições do Museu Casa, encontrava-se próxima à ela um baú, destinado a guardar os instrumentos musicais que estavam com as crianças. Aos poucos, mas ainda resistentes em largá-los (os instrumentos), as crianças foram colocando-os um a um no baú, que chamavam de “baú da música”.

Após uma breve explicação às crianças sobre a fragilidade das obras de Fritz, expostas na sala de exposição, adentramos no espaço, tomando todo o cuidado para não encostar nas esculturas de gesso, argila e objetos pessoais do artista. Em nossa conversa com elas, nos surpreendeu a fala de algumas ao apontar para as esculturas do artista, dizendo: “são estátuas de barro...”.

Dentre as obras, uma delas chamou bastante a atenção das crianças: a Pietá[33]. Algumas reconheceram imediatamente a escultura, pois essa foi uma das fotos/imagens exposta na mostra organizada anteriormente no CEI.

Interessante destacar que as crianças compararam a fotos/imagens com a obra original, impressionando-se com o tamanho da escultura, muito maior que a foto exposta. Foram inúmeros comentários: “Jesus está no colo da mãe, né?”, disse uma das crianças, “Ele está dormindo?”, complementou outra, “vê... Ele está pelado!”, risos... “Nada disso, está enrolado num pano!”, justificou outra criança, “Acho que ele morreu...”, finalizou outra. Suspense! E em seguida, mais risinhos com a condição do nu! Aproveitamos as questões levantadas e iniciamos um diálogo destacando o corpo, as relações de mãe e filho, o amor...Mas, tudo de forma lúdica, dando mais espaços para as crianças conversarem e construírem suas próprias relações e ideias sobre o que viam e sentiam. À vista disso, percebemos que as práticas pedagógicas dependem sobremaneira da forma que incentivamos a criança a apreender o mundo o qual faz parte. Assim, a articulação da ação do professor/mediador em propor questionamentos e construir reflexões em um diálogo em que todos participem e elaborem sentidos contribui para a mobilização da aprendizagem (CHARLOT, 2013).

E, ao circularem a obra “Pietá” (Figura 25), as crianças avistaram a maquete do Monumento ao Imigrante[34] (Figura 26) que em sua lateral tem o Brasão do município de Joinville, identificando como sendo o mesmo presente em seus uniformes e na placa de identificação do CEI. Havia também na sala réplicas de algumas obras e uma pintura do artista: a Madona[35]. As crianças pulavam na frente

[33] Pietá (gesso), 1955. A escultura que, posteriormente seria executada em bronze, faria parte de um ossuário e um cruzeiro do Cemitério Municipal de Joinville. Permaneceu inacabada (GUERREIRO, 2007, p. 53 e 60).

[34] Monumento ao Imigrante, 1951. Obra concebida para as comemorações do centenário de Joinville. GUERREIRO, 2007, p. 22-23 e 28-29.

[35] Madona, 1933. Única pintura a óleo conhecida de Fritz Alt, criada como presente de casamento. GUERREIRO, 2007, p. 15 e 32.

da pintura para poder ver melhor, uma vez que estava exposta numa posição muito alta para elas.

Figura 25 – Contornando a Pietá e circulando pela sala

Fonte: Da autora.

Figura 26 – Monumento ao Imigrante, réplica em miniatura

Fonte: Da autora.

Quando a atenção das crianças começava a se dispersar, saímos da sala de exposição e fomos para o lado externo do Museu Casa, onde a paisagem nos envolvia completamente. Avistávamos a cidade de cima do morro e tudo ficava minúsculo...O vento lá de cima insistia em tocar nossos rostos, que começavam a ficar vermelhos — será do vento ou do sol?

De repente, um som invadiu aquele espaço e, ali, bem na nossa frente, surge um quarteto de sopro, que nos esperava impacientemente na varanda do Museu Casa (Figura 27). Foi, sem dúvida, uma apresentação exclusiva, ao som da música clássica “Ode à alegria”, de Beethoven, que também era ouvida por Fritz quando criava suas obras. Também fomos embalados por músicas populares e conhecidas pelas crianças, que já haviam escutado na mediação ocorrida no CEI.

Figura 27 – O quarteto de sopro

Fonte: Da autora.

Após ouvirmos o quarteto, nos dirigimos a outro espaço do Museu Casa, onde estavam mais obras de Fritz na companhia de objetos pessoais, fotografias, objetos e ferramentas do artista. Nosso desafio era explorar aquele espaço, da mesma forma que o capitão Gancho fazia em suas expedições! (Figura 28).

Figura 28 – Composição com a fotografia do artista trabalhando (esquerda superior) e a garagem/ateliê do artista cheia de olhinhos curiosos, respectivamente

Fonte: Da autora.

As crianças navegaram por águas calmas e turbulentas, fazendo muitas perguntas sobre aquele espaço: “o Fritz usava isso?”, sobre as ferramentas do artista. “Que coisa estranha...”, sobre os moldes em gesso, utilizados pelo artista para construir suas peças em argila e bronze (Figura 29). As questões vinham sempre com muita curiosidade e tentávamos conversar com as crianças de uma forma bem clara, utilizando as ferramentas e moldes como demonstração. Foi surpreendente! Não imaginávamos que viessem tantas perguntas e dúvidas daqueles pequenos com olhos brilhantes!

Por consequência, e considerando o nosso contexto, a adoção do espaço museológico para a vivência com as crianças contribuiu “[...] para uma visão ampliada da história, da cultura, do folclore e da arte [...]” (GOHN, 2015, p.20).

Figura 29 – Para que serve isso? Fritz usava isso? Descobertas

Fonte: Da autora.

Logo após nosso diálogo com as crianças nesse espaço expositivo, seguimos para a área externa do Museu Casa, chegando até a varanda onde, novamente, o quarteto de flauta doce tocava e cantava a música Bão Ba Lão. Ao som do quarteto, olhinhos que se moviam, acompanhando os movimentos do quarteto, escuta atenta, corpo balançando e o canto tomando conta de todo o espaço. Parecia até que o pozinho da Sininho havia caído sobre nós, tamanha nossa alegria de estar ali.

Quando finalizamos a música na varanda as crianças foram, aos poucos, deixando o local e imediatamente ocuparam um círculo de pedras, que se encontrava num espaço aberto do Museu Casa, envolto em gramado com alguns bancos e plantas em volta, além da bela vista da cidade.

As crianças sentaram-se no círculo de pedra conosco, nos impulsionando a iniciar uma história (Figura 30), utilizando a linguagem/expressão do corpo/movimento, da visualidade e da musicalização. Daniela (pesquisadora corpo/movimento) deu início à mediação, chamando a atenção das crianças para os sons da natureza (pássaros, folhas balançando, latidos de cães, água correndo, vozes ao longe), da cidade (buzinas, motor de carros...) e do Museu Casa (porta abrindo e fechando, passos...) etc.

Figura 30 – Roda de conversa/dança/movimento/imaginação

Fonte: Da autora.

Após essa experiência com os vários sons, Daniela inicia a história que trazia sonoridade e muita imaginação. Ela narrava o conto e ao mesmo tempo criava com as crianças movimentos e sons relacionados à contação: “caminhando pela floresta... Correndo do tigre”. “Tem tigre aqui profe?”, comenta uma criança..., e um coro de vozes: “temmmm”. Nadando no rio...Galgando o morro...Lá vem o tigre!!!! Subindo na árvore para escapar do tigre... Vento muito forte!”. As crianças criavam e faziam sons e gestos, ora imitando Daniela, ora criando os seus próprios gestos e sons! Foi uma festa! Daniela continuava...Vamos entrar no Museu Casa novamente? O que podemos avistar por lá? E as crianças diziam: “estátuas, esculturas, fotografias, máscaras” (referindo-se aos moldes), “tamancos, bicicleta” (referindo-se aos objetos pessoas do artista).

Buscamos a fala de Ostrower (2002) quando diz que a imaginação se materializa com as formas/linguagens que temos mais afinidade em nosso fazer e por meio delas nos comunicamos e conseguimos atribuir sentidos às nossas reflexões. Portanto, anuncia a relevância de proporcionarmos para as crianças as mais diversas formas de linguagens/expressões da arte. Nesse processo, as crianças, a partir dos acontecimentos e experiências, exteriorizam seus pensamentos, sentimentos e sentidos.

Na sequência da mediação, Daniela dizia às crianças: vamos voltar ao CEI? “Já?”, dizia uma das crianças. “Não podemos ficar aqui mais um pouco? Vamos passear de novo!”, chorosa outra perguntava: “voltaremos outro dia aqui?” E assim foi se findando nosso trajeto imagético, recheado de muitas coisas. Será que Sininho, com seu pó mágico, esteve por aqui? E Peter Pan acompanhou Sininho nesse percurso com as crianças? Quem sabe dizer?

Após a contação visual, corporal e sonora, fizemos um percurso por uma trilha em torno do Museu Casa, explorando os sons e texturas daquele lugar, que ainda exalava o orvalho da noite anterior. Uma próxima mediação estava por acontecer no mesmo lugar em que as crianças foram acolhidas em sua chegada ao Museu Casa.

Cabe destacar aqui que nos apropriamos e consideramos os processos de educação pela via da vivência, criando situações em que a apropriação e a construção de certos conhecimentos é imprescindível para a criação/resolução de problemas e para a formulação de novos saberes e fazeres.

Dessa maneira, as experiências geradas e absorvidas, individual e/ou coletiva, fazem parte de um complexo sistema de ensino e aprendizagem no qual se agrupam aspectos sociopolíticos, culturais e pedagógicos para a recriação de conteúdos, uma reelaboração crítica da compreensão do mundo e da interação social por parte dos indivíduos que dela participam (GOHN, 2015).

E, para os próximos desdobramentos, estava tudo preparado à espera das crianças. A proposta para a mediação na linguagem/expressão das artes visuais foi a construção de cartões a partir das experiências e memórias das crianças (Figura 31). Mas...Da nossa parte, não esperávamos nada além daquilo que crianças de quatro e cinco anos podiam e desejavam registrar. Nossa expectativa seriam rabiscos, manchas coloridas ou não, círculos e outras coisas mais...

Distribuímos às crianças materiais como: papéis cartão de tamanho pequeno e canetinhas coloridas. Ao som das músicas ouvidas naquela manhã, elas iniciaram o processo: surgiram então desenhos/rabiscos que remetiam naquele momento ao quarteto de flautistas, às obras de Fritz, em especial a Piéta, e sobre o baú que guardava instrumentos, entre outros.

Figura 31 – Construindo/marcando histórias em cartões

Fonte: Da autora.

Importante ressaltar que as produções das crianças eram em sua maioria garatujas com breve início de uma figuração, sem a preocupação com a realidade. Os temas por elas definidos vieram muito mais pelo que elas narravam do que propriamente pelos seus desenhos. Também algumas delas ensaiaram na escrita de seus nomes, geralmente de forma espelhada.

Estavam completamente à vontade com suas produções e pudemos constatar que, como afirma Ostrower (2002), a identificação com os materiais expressivos nasce do contato e da experiência, com consequente aprofundamento despertado pela empatia.

> Reiteramos que a imaginação criativa nasce do interesse, do entusiasmo de um indivíduo pelas possibilidades de certas matérias ou certas realidades. Provém de sua capacidade de se relacionar com elas. Pois, antes de mais nada, as indagações constituem formas de relacionamento afetivo, formas de respeito pela essencialidade de um fenômeno. [...] Implica uma amplitude de visão que permite muitas coisas se elaborarem e se interligarem, implica uma visão globalizante dos processos de vida (OSTROWER, 2002, p. 39).

E, com base nessa premissa, consideramos fundamentais para as crianças as vivências heterogêneas e intercambiadas dentro e fora da escola, com a inclusão da arte e da experiência com a cultura para possibilitar a impulsão e a conexão de processos de criação dos sujeitos, independentemente.

Por conseguinte, conforme as crianças terminavam seus desenhos, nós já os fixávamos em um espaço/anexo do Museu Casa, preparado por nós em forma de mostra artística.

Quando as crianças finalmente adentraram na mostra no espaço/anexo do Museu Casa, foram recebidas ao som de flautas doce (ainda com a participação do quarteto de flautas), ficando maravilhadas em ver que suas produções também estavam em um museu, que para elas era lugar de “gente grande”. Uma delas exclamou: “meu trabalhinho também está no museu e todo mundo pode ver!”

Explorando o espaço da mostra, as crianças andaram pela sala, reconhecendo suas produções e contemplando novamente as fotos/imagens que estiveram também no CEI. Diziam: “essas fotos estavam lá no nosso CEI, né?”; “ei, vejam, meu bonequinho está aqui!”, referindo-se ao trabalho em modelagem, realizado no CEI. “Profe, somos artistas também?”, felizes por seus trabalhos estarem no espaço de um museu.

Após essas falas, não posso deixar de comentar, conforme citado por Charlot (2013), que a educação em arte na atualidade não pode correr o risco de ser apenas uma compensação psíquica ou um recurso de interrupção dos afazeres diários ou das demais áreas do conhecimento. É no contato com os outros e os objetos artísticos, e em seu fazer, que o sujeito pode ser instigado em suas construções de conhecimento, pois a criação e a autenticidade encontram riquezas nesse meio.

Interessante ressaltar que a apreciação das crianças à mostra foi de forma totalmente lúdica. Ao mesmo tempo em que olhavam, podiam tocar nas imagens/ fotos (que estavam na sua altura), rodopiando feito dança! Conversavam entre elas e com o quarteto de flautas, criando sons paralelos e se movimentando com ritmos diversos. Entravam e saiam por entre as fotos/imagens; observavam suas produções (em argila, desenho/pintura), apontando as suas e as dos colegas (Figura 32).

Foi sem dúvida um momento surpreendente e de aprendizagens para todos nós.

Figura 32 – Crianças brincando na mostra

Fonte: Da autora

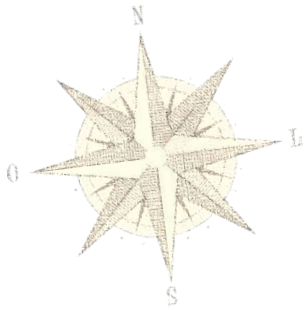
E havia chegado o momento da despedida (Figura 33). Após algum tempo na mostra, saímos com as crianças para o espaço externo do Museu Casa para aguardar a chegada do ônibus que as levariam de volta ao CEI.

Ainda antes de voltarem ao CEI, já com as crianças acomodadas no ônibus, fizemos uma roda de conversa informal com as professoras, para que também pudessem expressar o que haviam percebido e experienciado naquela manhã e durante as demais etapas do desenvolvimento da nossa proposta. O grupo destacou como as experiências com as linguagens/expressões da arte, utilizadas de forma lúdica e contextualizada, possibilitaram para as crianças expressar-se de forma múltipla — como é característico da infância; como também a receptividade para que cada um pudesse manifestar suas conexões com a aprendizagem de forma diversa, de acordo com a que melhor se identificasse, pois muitas vezes não é possível disponibilizar práticas em todas as áreas e as diferenças as complementam. Salientaram ainda que momentos como esses vivenciados por nós viabilizam aos educadores o contato com a pesquisa, o que pode contribuir com novas propostas e ideias, expandindo as oportunidades de formação com os professores.

Figura 33 – Despedida do Museu e do CEI

Fonte: Da autora.

PERCURSO 4. ESCOLA E MUSEU: VIVÊNCIAS, ANÁLISE E DESCOBERTAS



"O que está no horizonte é uma ampliação das conexões de cada um consigo mesmo e com o mundo"
Laura Pozzana[36]

Neste percurso, abordarei as pistas que encontrei durante a trajetória desta pesquisa-dissertação, referentes às experiências das crianças e suas vivências perceptivas.

Esta pesquisa de abordagem cartográfica visou refletir as experiências das crianças e minha, tendo como referência os autores Kastrup e Passos (2014), Barros e Silva, Pozzana (2014), Sade, Ferraz e Rocha (2014), bem como autores que embasam os estudos da educação em artes como Leite (2001), Meira e Pillotto (2010), Ferraz e Fusari (2009), Stamm (2007), entre outros.

Seguindo neste percurso, me apropriei das pistas referenciadas em Passos, Kastrup e Escóssia (2014) para me guiarem no processo da investigação e acompanhamento das análises e descobertas, pois elas são referenciais para a construção de argumentações a respeito dos achados e efeitos das experiências vivenciadas com a infância no âmbito da pesquisa.

Por conseguinte, em um primeiro momento, trago a pista *do comum*, para destacar a importância dos repertórios artísticos, estéticos e culturais das crianças. Essa pista remete à criação de um âmbito comum, partilhado, em meio às singularidades que conduzem a uma aprendizagem coletiva.

Também destacarei neste percurso a pista *da análise*, que trata da verificação de fatos e situações de maneira contínua, apresentando variações e mudanças nos processos em relação às produções e intervenções das crianças como sujeitos da pesquisa.

Nos segundo e terceiro momentos, apresentarei as narrativas das experiências/vivências das crianças associadas ao estudo das pistas *da atividade,* que apontam diretrizes para a reflexão sobre a produção (desenhos e modelagens)

[36] POZZANA, Laura (2014, p. 53).

das crianças sob o enfoque da atividade, levando em consideração a experiência do encontro com o outro e as transversalidades e atravessamentos da investigação. Exploro nesse ponto também a pista *da validação*, argumentando sobre a consistência e a produção de efeitos mobilizados pelo desenvolvimento da proposta de provocar vivências perceptivas com a infância.

Para o último momento, pondero sobre a pista *da formação,* construída durante os percursos da pesquisa, por meio da produção do conhecimento, no aprendizado e na postura do pesquisador e dos demais envolvidos na pesquisa. Nesse caminhar, habilidades, percepções e vivências outras foram mobilizadas. E também abordarei a pista *da confiança,* que abrange o envolvimento na produção coletiva e o aumento da potência de agir dos participantes.

A partir dessas pistas, articulo os atravessamentos sonoros, visuais e corporais desta pesquisa, tendo como extensão os espaços do Centro de Educação Infantil Jardim Sofia e do Museu Casa Fritz Alt e as experiências provocadas pelas ações mediadoras dos diálogos interventivos e imagéticos.

Por fim, destaco algumas das vivências perceptivas com a infância nos espaços da escola e do museu permeadas de experiências sensíveis. Abordo ainda as ações de mediação cultural mais significativas, aquelas que possivelmente mais sensibilizaram as crianças, tanto na escola como no museu.

4.1 Pista 1 - a importância dos repertórios: o antes e o depois

Quando habitamos o território da investigação — um lugar também da experiência — incluímos e falamos da complexidade que estamos tecendo, pois presenciamos alguns dos processos que se instauram no vivido, no vivenciado. Nesses processos, elabora-se o conceito de *comum*, que de acordo com Kastrup e Passos (2014) nos remete também a Rancière (2009)[37], dado que carrega os sentidos de partilha e pertencimento.

[37] "[...] uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes numa partilha de espaços, tempo e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha [...]", RANCIÈRE (2009, p. 15).

A pista *do comum* concede acesso "[...] à dimensão processual dos fenômenos, [...] indica, ao mesmo tempo, o acesso a um plano comum entre o sujeito e o objeto, entre nós e eles. [...]", como enfatizam Kastrup e Passos (2014, p. 16). Os mesmos autores também mencionam que *o comum* segue o curso da experiência e acompanha as práticas, "[...] uma vez que realizam partilha de um bem comum e, consequentemente, criam o efeito de pertencimento. É comum o que, na experiência, é vivido como pertencimento de qualquer um ao coletivo" (KASTRUP; PASSOS, 2014 p. 21).

Dessa maneira, vivenciar com as crianças as mostras na escola e no museu e as ações de mediação com as produções nas linguagens/expressões das artes nos possibilitou aguçar a sensibilidade para as experimentações artísticas, para a curiosidade, para o olhar atento e para o diálogo ativo.

Essa experiência, apropriando-se da arte local como provocadora para aprendizagens múltiplas, buscou partilhar *o comum,* proporcionando momentos de experiência como: caminhar minunciosamente pela mostra na escola, olhando as fotos/imagens com proximidade e colocadas na altura das crianças e, em um segundo momento, ver os utensílios e obras em realidade no museu; buscar pelas falas das crianças relacionar momentos já vistos ou vividos por elas; o ouvir e movimentar seus corpos; o sentir os materiais e agir sobre eles conforme ocorrido na modelagem e no desenho; entre outros.

De acordo com Kastrup e Passos (2014), o traçado de um plano *do comum* traz consigo as transversalidades, tendo como princípio pontos de vista (experiências heterogêneas) que, no entanto, fazem parte de uma proposta para participarmos de um tempo de aprendizagem coletiva.

Quanto à questão do traçado de um plano do *comum*, pude relacionar que, apesar das crianças estarem absorvidas e com a atenção flutuante em pontos diferentes da exposição do Museu Casa (obras, objetos e utensílios do artista Fritz Alt), elas convergiram com espanto ao verem de perto o brasão do município na escultura de Fritz Alt e constatarem que era o mesmo símbolo presente na placa da escola e em seus uniformes, dessa forma relacionando o museu a algo de seu cotidiano.

E por meio dessas e outras ações, nos dispomos na investida de uma espécie de convergência de sentidos na qual a produção de saberes passa a ser a ação de “estar com” (KASTRUP E PASSOS, 2014).

Assim, para que esses encontros com obras, objetos e espaços culturais sejam partilhados, se torna necessário o sentimento de pertencimento das crianças e dos demais participantes na ação mediadora, para que se sintam interessados e comprometidos e, em contrapartida, envolvidos com a experiência. Nesse sentido, a mediação possibilita encontros interativos, estímulos e descobertas.

Nesse ponto, torna-se possível que se elaborem vivências perceptivas; e, diante disso, Duarte Júnior (2010) também expressa que para o desenvolvimento da educação estética é preciso pulsar em comum, reconhecer a si e sentir o mundo de maneira integrada, articulando saberes sensíveis e inteligíveis.

Dessa maneira, para que a educação pelo sensível se efetive, conjuntamente com os aspectos da criação, as possibilidades de ampliação de repertório demandam estar disponíveis para a infância — de forma lúdica, ampla e convidativa —, evidenciando-se no processo da investigação e na experiência, por meio da escuta e do diálogo ativos com as crianças.

Na disponibilidade, na interlocução, no diálogo e na reflexão, entre outros aspectos, que os repertórios são constantemente construídos e desconstruídos. O acesso aos bens culturais, nesse sentido, se constitui em importante mobilizador de aprendizagens. Visto que “[...] os estudantes não aprendem parcelas de conhecimento desconectadas e fragmentadas, mas conectam esses saberes com seus próprios interesses e experiências de vida [...]”, conforme argumentam Meira e Pillotto (2010, p. 107), e assim oportunizando que sejam feitas novas conexões, alimentando saberes e fazeres outros.

A proximidade da educação em artes, com as instituições culturais e consequentemente com a produção cultural, é um diferencial voltado a um ensino sensível a ser explorado na contemporaneidade. Ferraz e Fusari (2009) corroboram para a compreensão de que a presença frequente de estudantes para apreciar e participar das mais diversas expressões artísticas e culturais contribui para gerar novos hábitos e aprendizados, que são essenciais para a participação ativa na fruição, na ampliação do repertório, no reconhecimento do valor do patrimônio

cultural, entre outros, acrescentando aspectos sensíveis, afetivos e críticos, de forma significativa na educação.

Ainda, a vivência estética mostra-se democrática na relação entre a escola e os espaços de cultura, pois são lugares que manifestam as produções e expressões humanas de forma dinâmica e possibilitam formular novas propostas para a apropriação, ampliação e relações dos conhecimentos em arte e dos saberes plurais acumulados pela sociedade.

Dessa maneira, ao tomarmos por base um método de pesquisa-intervenção, como a cartografia, consideramos o acesso às experiências vividas tanto pelos pesquisadores quanto pelos sujeitos e também os observadores como um conjunto de múltiplas relações, evidenciando assim, por meio dos próprios problemas apresentados, a multiplicidade de sentidos que vêm a comportar a dimensão da pista *da análise*.

Pois, como afirmam Barros e Barros (2014), a intervenção vista como comprometimento, implicada na realidade e na experiência como aspecto processual, caminha na direção da pesquisa que ultrapassa a interpretação de uma realidade e provoca outros modos de ação e deslocamentos de pontos de vista, se fazendo também como criação.

Assim, procurei conectar e acessar os problemas/provocações pesquisados, atribuindo articulações com seus efeitos e me deixando afetar pelo campo investigado e vivenciado, pois como afirmam Barros e Barros (2014, p. 177) “o acesso à experiência modula todo o procedimento de pesquisa, porque faz aparecer uma dimensão participativa na constituição dos objetos. Sendo assim a análise deve caminhar na direção da participação”.

Dessa maneira, no processo *da análise* da pesquisa por meio das experiências e vivências perceptivas com a infância que se segue, busquei evidenciar contextos e elementos que conferiram enfoques objetivos, compreendendo as experiências/vivências que constituíram dada realidade, e subjetivos, recorrendo à expressividade, pois essa apresenta também modos de experimentação e criação de si e do mundo (BARROS E BARROS, 2014).

4.2 Pista 2 - na ponta do lápis: narrativas imagéticas

A prática na investigação por meio da abordagem da cartografia, de acordo com Barros e Silva (2014), demanda o confronto constante de diversos estímulos provocados principalmente entre as tarefas pré-definidas e a experiência do encontro. Os autores comentam ainda que a produção de conhecimento se apresenta na configuração de um mapa móvel, que de forma construtivista examina e sistematiza os caminhos no acompanhamento dos processos da experiência e da pesquisa.

Dessa maneira, a pista *da atividade* nos permite confrontar nossa capacidade de atuação, nossas escolhas e decisões no desenvolvimento das ações e, por conseguinte, "[...] nos ajuda na medida em que toma o trabalho como criação e recriação permanente de formas de viver, sendo a atividade dirigida, histórica e processual [...]" (BARROS E SILVA, 2014, p. 133).

Assim, o conjunto de análises e atividades que fazem parte das experiências no decorrer de todo o processo de trabalho em campo foi mobilizado também pela própria problemática, uma vez que o coletivo de forças — nos espaços partilhados — na escola e no museu se interconectou em múltiplas criações.

Esse deslocamento entre a teoria e a prática no curso das intervenções confere características processuais e de criação e recriação do plano coletivo de trabalho, do qual requerem sempre relações com o outro.

Para tanto, foram criadas algumas estratégias (roteiros), como princípios, para que se tornasse possível investigar no movimento gerado pelas ações de mediação e sensibilização com as crianças, as vivências perceptivas entremeadas nas experiências em artes, recorrendo nesse momento à linguagem/expressão do desenho.

Esses planos buscavam previamente avaliar principalmente se as nossas ações estariam adequadas e seriam suficientes para os questionamentos e curiosidades das crianças. Desse modo, incluímos em nosso roteiro de ação uma sequência composta de uma sensibilização com recepção musicalizada, uma visita que oportunizasse a apreciação/interação com as obras de Fritz Alt ao mesmo tempo em que propiciasse abertura para os questionamentos das crianças sobre aquilo que observavam.

Foi proposto também um momento lúdico para avivar a imaginação com a contação de histórias, um momento de expressividade e criação por meio da linguagem do desenho e finalizando com visitação à mostra infantil, onde foram expostas as produções das crianças para que elas pudessem apreciar/interagir com as realizações umas das outras.

Para o momento de realização dos desenhos, a proposta foi mobilizar as crianças a explorar o que mais as afetou nas experiências em que participaram no Museu Casa. Quando distribuímos o material, o que primeiro constatei foi certo bloqueio das crianças e após alguns momentos de silêncio e burburinhos leves as mãos agitadas sobre o papel e os olhos estavam em busca da cor certa para representar o que vinha também na fala. Elas descreviam suas percepções acerca das vivências pelas quais o gesto e o traço traduziam narrativas e pensamentos.

Assim, um grupo de crianças, em uma das mesas, discutia sobre uma criança observada em uma foto na exposição do Museu Casa (Figura 27 – Foto em que Fritz Alt está com uma criança em 1950, durante a execução do busto de Lucy Paes), enquanto uma delas desenhava e as outras contestavam seu desenho, afirmando não ser igual àquela criança da foto, pois ela era vista de costas enquanto o desenho feito pela colega estava de frente, e então a criança parou de desenhar, levantou o desenho e disse que o “bumbum” estava do outro lado do papel, demonstrando dessa maneira sua percepção das dimensões em relação ao papel e sua interação com o real.

Enquanto isso, outro grupo de crianças desenhava caixas e instrumentos, argumentando sobre o baú no qual guardaram os instrumentos musicais antes da entrada na sala de exposições do Museu Casa.

Os desenhos das crianças, dessa maneira, tornaram-se narrativas visuais e imagéticas, em que percebi, pelas produções das crianças, a visão dos acontecimentos na perspectiva delas e seus interesses e aspirações. Elas compartilharam conosco em suas representações o que lhes acrescentou, criou sentido e se conectou com o seu mundo.

O que as crianças expressaram envolveu também a representação das pessoas, em geral, nos espaços do museu, a representação das esculturas, dos instrumentos musicais e das musicistas, a própria casa onde está abrigado o museu e o ambiente, entre rabiscos e garatujas.

Além disso, pude perceber que principalmente as figuras de crianças presentes na exposição chamaram a atenção de nossos pequenos visitantes, enfatizando assim a relevância do encontro delas com a representividade e o acolhimento da infância no contexto da arte.

Ressalta Leite (2001) que devemos estar atentos ao que é produzido visualmente pelas crianças após momentos de apreciação/interação de objetos e espaços artísticos. A autora destaca também sobre observarmos de qual forma os objetos artísticos e os espaços culturais são vistos pelas próprias crianças e como suas produções acontecem e se relacionam com suas experiências de apreciação, em dimensão ao que nós adultos intencionamos apresentar a elas como produções artísticas nas mostras da escola e do museu.

O desenho, no âmbito do museu, pode desvelar a percepção da infância sobre aquilo que foi apreciado e vivenciado naquele espaço e o fato de vê-los posteriormente expostos em uma mostra infantil, que envolveu as produções desenvolvidas pelas crianças durante as ações de visitação e de mediação na escola e no museu, trouxe a elas certo encantamento como sujeito criador.

Porém, ou apesar de as crianças terem a possibilidade de apreciar suas produções exibidas em uma mostra infantil apresentada no espaço educativo do museu, constatei, como apontado por Leite (2001, p. 27), que “[...] a criança está mais atenta ao processo do que ao produto. Seu desenho é pleno de incompletude, de transitoriedade, de movimento, de idas e vindas – como a tessitura de uma narrativa, no caso, visual [...]”.

Ainda de acordo com Leite (2001, p. 105), “[...] observar crianças desenhando, especialmente as de pouca idade, nos faz deparar com meninos e meninas que se mexem, falam, gesticulam, cantam, locomovem-se, colorem, rabiscam... enquanto desenham [...]”, partindo assim para a reflexão de que a expressão artística para elas é de corpo inteiro, do ser de forma integral.

A maneira de interação com o mundo, revelada pelos processos criativos por meio das linguagens/expressões da arte, tem influência de diversos fatores sociais e culturais e, portanto, as experiências vivenciadas relacionadas ao já conhecido ampliam as possibilidades de criação e de diálogo, interação e questionamento acerca do conhecimento.

Assim, expandindo as oportunidades de relação/interlocução com as produções artísticas, com a apreciação ativa e a autoria — como no caso do desenho, buscou-se fomentar as experiências estéticas e culturais, em atividades que contemplaram ações criadoras com as crianças nos espaços da escola e do museu.

4.3 Pista 3 - modelando com as mãos, pensamentos e viveres

Considerando as pistas apresentadas nos trajetos anteriores, acrescento para esta discussão a pista *da validação*, que somada às outras, sugere três indicadores: o acesso à experiência, a consistência cartográfica e a produção de efeitos; pois atravessam e orientam as pesquisas que adotam a prática da cartografia como metodologia de ação, posto que "[...] entende o conhecimento como invenção e considera que a pesquisa é sempre intervenção [...]", de acordo com o que afirmam Passos e Kastrup (2014, p. 204).

Assim, a pista *da validação,* apresentada por Passos e Kastrup (2014), leva em conta o fato de que o pesquisador deve habitar o campo de investigação ativamente e com a atenção aberta e concentrada aos problemas que se apresentam no decorrer dos acontecimentos. Logo, no processo de estudo, por meio da experiência, se torna necessário acessar seus planos de produção, o que significa também verificar seus processos e articulações na produção de subjetividades e na coleta de dados que implicam no acompanhamento da realidade examinada.

Para ocupar o território da pesquisa na fase das ações na escola, estabelecemos um roteiro de atuação contemplando a visitação à mostra de fotos/imagens das obras e objetos do artista Fritz Alt e ações de vivência-mediação-interlocução entre nós pesquisadoras, professores, gestores e crianças, nas linguagens/expressões da dança/movimento, da musicalização/sonoridades e da modelagem em argila, que havia ficado sob os meus cuidados.

Para acolher a experiência com a modelagem, após o momento da primeira expedição pela mostra de fotos/imagens na escola, foi feita a distribuição dos utensílios (copos pequenos de acrílico, palitos de picolé e potes com água) e um tempo de familiarização com o material, que sem demora foi acolhido pelas crianças.

Do mesmo modo como ocorreu na atividade com os desenhos, na modelagem, percebemos as crianças exteriorizando histórias e memórias, falando sobre suas produções, criando personagens e dando opiniões umas para as outras, envolvendo as pessoas à volta delas, cantando e se movimentando incessantemente durante a execução. Verifiquei no decorrer desse processo que a representação simbólica das crianças está permeada por diversas linguagens expressivas, bem como pela investigação, apropriação e a articulação de saberes.

Ao explorar a tridimensionalidade com as crianças, procurei enfatizar para elas a relação com o espaço e a apropriação do volume, as encorajando a manusear a argila, atribuindo altura e largura em suas formas, dado que a linguagem tridimensional possibilita "[...] resolver problemas de peso e equilíbrio, de quantidade, de força e gravidade, assim como vivenciar situações de organização espacial [...]", como enfatiza Stamm (2007, p. 132).

Ainda, de acordo com a autora, a criação tridimensional auxilia no desenvolvimento de habilidades que conduzem à aquisição de percepção espacial. Em relação a isso, no decorrer da atividade com a modelagem, as crianças se mostraram interessadas em examinar as percepções táteis oferecidas pelo material e em buscar soluções para suas peças tridimensionais, de maneira a atingir a forma que desejavam.

Nesse processo de exploração com a argila, algumas das crianças atribuíram nomes para suas produções, criaram personagens e situações e estando para finalizar esta parte da ação, um de nossos pequenos criativos salta de seu lugar na mesa indo lavar as mãos e afirmando que "fez uma arte como a do Fritz!", sendo seguido pelos demais. Tendo em vista essa assertiva, podemos argumentar que possa ter ocorrido, por parte de alguns sujeitos, a associação das fotos/imagens da mostra e da figura do artista com a modelagem e as produções artísticas tridimensionais.

À vista disso, a convergência de sentidos e significados apresentadas neste percurso revela aspectos que contribuíram para a formação de determinada realidade, dentro do âmbito dos participantes e perpassando os processos da investigação. Consequentemente, seguindo os passos da pista *da validação,* se tornando possível compreender a relevância da experimentação e da invenção acolhidas durante o seguimento da pesquisa.

4.4 Pista 4: percepções e atravessamentos no espaço do CEI Jardim Sofia e no espaço do Museu Casa (leituras sonoras, visuais e corporais) - uma experiência que deixa marcas

Quando recordo o caminho, em meio às cidades invisíveis, ilhas desconhecidas e terras do nunca, me vem à memória o pensamento de Larrosa (2015, p. 18) quando nos diz que a "experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca", e ligeiramente me remetem às conexões e transversalidades que contêm a "[...] trama que acompanha o ato de conhecer e de criar um mundo [...]", como afirma Pozzana (2014, p. 48).

Apresentando a pista *da formação*, Pozzana (2014, p. 51) enfatiza o processo de formação pela via na qual conhecer, agir e criar estão conectados, reiterando que "[...] com práticas que oportunizam experimentações ganhamos habilidade ao transitarmos entre micromundos; ganhamos percepção e discernimento na lida com diferentes encontros [...]".

Em nossos encontros com as crianças, percebi que, para elas, as linguagens/expressões da arte são vistas em sua totalidade e complexidade, conectadas umas às outras. Isso foi identificado na ação vivenciada em desenhar no papel kraft disposto no chão, acompanhando os movimentos da dança, simultaneamente tendo ao fundo o som das músicas clássicas e populares escolhidas e executadas como coletânea para as ações mediadoras.

Assim, a formação passa pelo plano dos afetos e dos efeitos do trabalho de campo em torno dos participantes e da presença na intervenção. Presença essa que faz com que o aprendizado seja "[...] literalmente corporificado e criado; requer tempo e espaço, respiração, articulação, atenção, disponibilidade para o desconhecido [...]" (POZANNA, 2014, p. 57).

Essas conexões e atravessamentos nas experiências produzem propostas renovadas e nos fazem pensar em novas possibilidades de ação, porque o campo de pesquisa pode se constituir como um lugar onde as experimentações funcionam

como dispositivos[38] de formação e, dessa maneira, de acordo com Pozzana (2014), as práticas de pesquisa e de formação operam mutuamente.

Logo, as atividades em campo conectam percepções e experiências também por meio dos afetamentos e do surgimento de vínculos. Um dos momentos, no Museu Casa, em que fizemos com as crianças uma roda de conversa com uma contação de histórias foi a forma pela qual, naquela oportunidade, conseguimos captar os atravessamentos das linguagens/expressões da musicalização/sonoridades, dança/movimento e das artes visuais.

Enquanto a história era narrada, as crianças participavam ativamente, interpretando as situações e movimentando seus corpos ao som do ambiente e de alguns instrumentos musicais. Estabeleceu-se assim um espaço em que foram utilizadas práticas lúdicas para incorporar elementos visuais, sonoros e corporais à experiência das crianças com o patrimônio cultural local.

Outro momento de experiência significativa para as crianças foi a mostra infantil preparada com as produções feitas por elas em todo o processo. Na mostra, as crianças puderam observar as suas criações expostas, acompanhadas pela apresentação do Quarteto de Flautas Doce do Conservatório de Belas Artes de Joinville, enquanto se deslocavam em movimentos bailados pelo espaço.

Assim, posso reiterar nossa intenção de criar zonas de interesses para que se tornasse possível a construção de vínculos com as crianças. Esses vínculos envolvem a partilha e a criação coletiva de sentidos entre os sujeitos e o mundo. E, nessa perspectiva, o vínculo com um plano de experiência nos impulsiona a agir e participar dos acontecimentos e de seus efeitos, segundo Sade, Ferraz e Rocha (2014).

Nesse seguimento, segundo os autores, a pista *da confiança* retrata o desafio de *con-fiar*, no sentido de tecer com, criar com o outro. Podendo assim dizer, com Sade, Ferraz e Rocha (2014, p. 89), sobre *a confiança* tratar-se de meio e fim da pesquisa, "[...] meio porque ela responde pelo engajamento com base em uma

[38] Agamben (2005, p. 9) apresenta o conceito de dispositivo para Foucault enfatizando três pontos: "[...] 1º É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos; 2º o dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder e 3º é algo de geral (um reseau, uma "rede") porque inclui em si a episteme, que para Foucault é aquilo que em uma certa sociedade permite distinguir o que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico [...]".

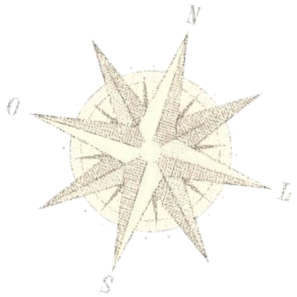
experiência compartilhada, e fim porque esse engajamento ganha sentido ampliando a potência de criação coletiva de territórios existenciais [...]".

Logo, com Skliar (2014, p. 28), encerramos este percurso em que refletimos sobre construir o educar como travessia "[...] porque educar também é um tempo para a pausa, dar tempo ao tempo para escutar, para olhar, para escrever, para ler, para pensar, para brincar, para narrar...[...]". Destarte, essas vivências nos possibilitaram manter vivas as linguagens que nos atravessam, que passam e nos tocam e por onde nós viajamos, resgatamos nossas pistas e convidamos a viajar como educadores e aprendizes que somos.

Portanto, ao longo deste percurso, examinando as ações ocorridas com as crianças na escola e no museu, evidenciei algumas descobertas referentes às experiências e às vivências perceptivas que se mostraram relevantes para a trajetória desta investigação.

Dessa maneira, as análises decorrentes das pistas que encontramos destacam a relevância das ações em mediação cultural e experiências com as linguagens/expressões visuais, sonoras e corporais e seus atravessamentos em espaços diversificados com as crianças, como mobilizadores para o desenvolvimento de repertórios, partilhando de forma lúdica saberes e fazeres significativos para seu potencial imagético e seus processos de criação.

5. CHEGADAS E PARTIDAS - PERCURSOS FINAIS



"E então, numa dessas manhãs o destino parou diante da muralha. Vinha a cavalo, trazia um escudo pendurado na cela, arma nenhuma. Uma pele de bicho lhe rodeava os ombros, na fresta das pálpebras seu olhar brilhava cor de âmbar. Não era o destino do príncipe. Ia em demanda de outra pessoa a quem havia sido atribuído e que, sem saber, o aguardava."
Marina Colasanti[39]

Este percurso completa a jornada na companhia de Marina Colasanti e aqui pretendemos discutir sobre as percepções que a pesquisa suscitou, com os múltiplos olhares que o viajante coleciona em seus trajetos.

A educação com a criança, que vise seu protagonismo e a integralidade de sua formação, não deve se abster de proporcionar experiências estéticas e culturais que podem contribuir para seus processos de criação e a construção de um repertório próprio e crítico em relação à sua atuação no mundo.

Dessa maneira, defrontando os acontecimentos vivenciados com a provocação inicial de pesquisa: *Como se dão as vivências perceptivas com crianças de 4 e 5 anos nos espaços da escola e do museu, a partir de ações de mediação cultural?* E, também com o objetivo: *Desenvolver ações de mediação cultural em espaços formais e não formais da educação (escola e museu) com crianças pequenas, identificando como se dão as vivências perceptivas e quais contribuições nos aspectos sensíveis* — verificamos que as experiências com a infância nos possibilitaram desenvolver ações que buscassem ampliar a sensibilização e o pertencimento delas aos espaços culturais, bem como a viabilidade das crianças experienciarem formas diversificadas de ações para ocupar os espaços da escola.

Assim, as experiências vivenciadas nesta pesquisa interventiva com as crianças nos espaços da escola e do museu procuraram mobilizar o encontro delas com obras, objetos e espaços culturais e proporcionar momentos sensíveis de criação por meio das linguagens/expressões da arte.

À vista disso, procurei, nesta investigação repleta de atravessamentos, compartilhar o tempo e o espaço de nossa proposta conjunta com as artes visuais, a dança/movimento e a musicalização/sonoridades como sujeitos da experiência,

[39] Trecho extraído do livro: 23 histórias de um viajante. São Paulo: Global, 2005.

dispostos e abertos às percepções e aos afetamentos, pois, "[...] o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos" (LARROSA, 2015, p. 25).

E, atravessando vastas terras, às vezes cortando caminhos ou se alongando, empreendemos uma busca por onde ainda não havíamos trilhado. E com o olhar disposto, encontramos a primeira violeta da primavera (COLASANTI, 2005)[40].

Posso dizer, dessa maneira, que a experiência se tornou um lugar em que transitamos de maneira significativa e por meio da qual estabelecemos conexões entre a infância, as ações de mediação cultural, os espaços culturais/educativos, as linguagens/expressões da arte, entre outros, relacionando para as crianças possibilidades outras de práticas educativas com base no pensamento sensível e estético.

O enfoque nas vivências perceptivas mediante as experiências com a infância posicionaram a atenção nos processos e múltiplas durações do devir, como complexo fluxo de acontecimentos, que pelos *perceptos e afectos*, atribuiram às sensações "[...] o poder de existir e de se conservar em si, na eternidade de que coexiste com esta curta duração" (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 197).

Posto que os efeitos vivenciados ultrapassaram os objetos e produções materiais, fazendo com que as percepções fizessem parte de uma relação extensa com as sensações, levando à compreensão na qual Deleuze e Guattari (2010, p. 200) afirmam que "[...] não estamos no mundo, tornamo-nos com o mundo, nós nos tornamos contemplando-o. Tudo é visão, devir. Tornamo-nos universo".

Assim, explorando oportunidades de interação e apreciação das produções culturais e a utilização de diferentes recursos para encorajamento de um fazer artístico com as crianças, por meio das experiências e atravessamentos com as linguagens/expressões da arte e as ações de mediação cultural no decorrer dos processos da pesquisa, se estabeleceram alicerces para mobilizar o desenvolvimento de repertórios e possíveis apreciações estéticas com a infância.

Pois, as linguagens/expressões da arte são capazes, em suas manifestações diversas, de desencadear relações repletas de sentidos e autenticidade, provocadas pelas experiências, uma vez que, segundo Dewey (2010, 122), "[...] não apenas é uma alternância entre fazer e ficar sujeito a algo, mas também porque consiste nas

[40] Trecho adaptado da obra: 23 histórias de um viajante de Marina Colasanti.

duas coisas relacionadas. [...] A ação e sua consequência devem estar unidas na percepção". Fato que, principalmente para a infância, contribui para se apropriar e internalizar o conjunto complexo de conhecimentos disponibilizados pela sociedade.

Portanto, durante o processo da investigação se tornaram visuais, sonoras e corporais as ações de mediação cultural com as crianças que impulsionaram experiências nos espaços da escola e do museu, agregando vivências que trouxeram outras possibilidades de pensar as práticas educativas no ensino da arte, fortalecendo a atitude dialógica entre todos os envolvidos nas ações de pesquisa.

E, assim, disse Colasanti[41], que o destino terminou sua passagem e "[...] depois aproximou-se para as despedidas. Mas o leque havia sido posto nas mãos do príncipe, aberto dia a dia, dobra a dobra, pelas narrativas. Fechá-lo parecia agora sem sentido".

Com o batente dos portões se fechando, coube meus últimos pensamentos, lampejos de lembrança das vivências que tive nos percursos desta expedição e que fazem pensar sobre o que levarei adiante.

De tal maneira, os efeitos - em outras palavras - os resultados possíveis representados pela abertura para as experiências e para a pesquisa durante toda a trajetória se revelaram em provocar vivências perceptivas com a infância, ampliando os sentidos e repertórios, para despertar um olhar curioso, observador e atento dos sujeitos que, como informa Pozzana (2014), possam transitar entre conhecer, agir e criar.

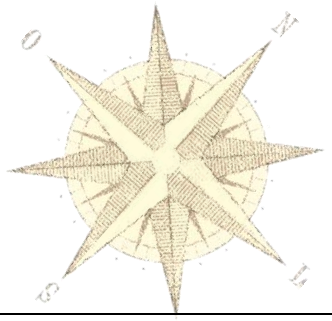
Os impactos do envolvimento entre as linguagens/expressões das artes visuais, da musicalização/sonoridades e da dança/movimento apontaram, sobretudo, para a sensibilização e o sentimento de pertencimento das crianças aos objetos, ao patrimônio e aos espaços culturais, pois a percepção para a apreciação estética e para a expressividade artística não surge completa, ela precisa estar disposta para ser afetada, tocada e experimentada.

Portanto, a relação entre as crianças e as experiências se estabeleceu de forma lúdica, repletas de sentidos e significados, contaminando suas percepções em um exercício entrelaçado de descobrir lugares outros e maneiras novas de estar e interagir com o mundo da imaginação e da criação.

---

[41] (2005, p. 2013)

REFERÊNCIAS



Livros, artigos e outras publicações

ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos e mais.* Campinas: Verus Editora, 2005.

_____. *Variações sobre o prazer.* 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

BARBIERI, Stela. O desassossego de que se ocupa a infância. *Anais* do Simpósio internacional: formação de educadores em arte e pedagogia / Universidade Presbiteriana Mackenzie, 15 a 17 out. 2015 – São Paulo: Terracota Editora, 2015. P. 21-24.

BARRIE, James Matthew. *Peter pan.* Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BARROS, Letícia Maria Renault de; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Pista da Análise – O problema da análise em pesquisa cartográfica. *In:* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs*.). Pistas do método da cartografia*: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014. V.2. P. 175-202

BARROS, Manoel. *Retrato do artista quando coisa.* Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

_____. *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; SILVA, Fábio Hebert. Pista da Atividade – O trabalho do cartógrafo do ponto de vista da atividade. *In:* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs*.). Pistas do método da cartografia*: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014. V.2. P. 128-152

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.* Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC, SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular* – proposta preliminar. 2. ed. Brasília: MEC, 2016.

DARRAS, Bernard. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. *In:* BARBOSA, Ana Mae, COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. P. 23-52.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Lucia Rabello; BESSET, Vera Lopes (Orgs.) Pesquisa-Intervenção na infância e na juventude. Rio de Janeiro: Trarepa/Faperj, 2008.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber às práticas educativas.* São Paulo: Cortez, 2013.

_____. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL JARDIM SOFIA. *Projeto Político Pedagógico*, 2014.

COLASANTI, Marina*. 23 histórias de um viajante*. São Paulo: Global, 2005.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). *As artes no universo infantil.* Porto Alegre: Mediação, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1, São Paulo, Editora 34, 1995.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho:* desenvolvimento do grafismo infantil. 2. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DONATO, Célia Cristina Rodrigues de. Mediação cultural: despertando uma vida de relação com a arte. *In:* MARTINS, Mirian Celeste (Org.). *Pensar juntos mediação cultural*: [entre]laçando experiências e conceitos. São Paulo: Terracota Editora, 2014. P. 83-98.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O sentido dos sentidos:* a educação (do) sensível. 5. ed. Curitiba: Criar Edições, 2010.

FALCÃO, Adriana. *Pequeno dicionário de palavras ao vento.* 2. ed. São Paulo: Moderna, 2011.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. *Metodologia do ensino de arte: f*undamentos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GOHN, Maria da Glória (Org.). *Educação não formal no campo das artes.* São Paulo: Cortez, 2015.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Pesquisa qualitativa e subjetividade:* os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.

GUERREIRO, Walter de Queiroz. *Fritz Alt:* a verdade do desejo. Joinville: Letradágua, 2007.

HEINZELMANN, Silvia. *Fritz Alt*. Joinville: Fundação Cultural, 2001.

KASTRUP, Virgínia e PASSOS, Eduardo. Pista do Comum - Cartografar é traçar um plano comum. *In:* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). *Pistas do método da cartografia:* a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014. V.2. P. 15-41

KASTRUP, Virgínia e PASSOS, Eduardo. Pista da Validação – Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. *In:* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs*.). Pistas do método da cartografia*: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014. V.2. P. 203-237

KOHAN, Walter Omar. Infância e filosofia. *In:* SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs.). *Estudos da infância:* educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 40-61.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel.* Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Dar a palavra. Notas para uma dialógica da transmissão. *In:* LARROSA, J; SKLIAR, C. *Habitantes de Babel*: políticas e poéticas da diferença. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. P. 281-295

_____. *Tremores:* escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LEITE, Maria Isabel. Tudo para a criança deve ser infantil? *In:* PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (Org*.). Linguagens da arte na infância*. Joinville: UNIVILLE, 2007. P. 48-56.

LEONTIEV, Dmitry A. Funções da arte e educação estética. *In:* FRÓIS, João Pedro. *Educação Estética e Artística*: abordagens transdisciplinares. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2000. P. 127-146.

_____. *O desenvolvimento do psiquismo*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. (Edição comemorativa de cinquenta anos).

MALDONATO, Mauro. *Passagens de tempo.* São Paulo: Edições SESC SP, 2012.

MARINHO, Nirvana. Curadoria educativa como processo artístico. *Revista da Fundarte*, ano 14, n. 28, jul./dez. 2014.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.* 2ed. São Paulo: Intermeios, 2012a.

MARTINS, Mirian Celeste e Grupo de Pesquisa: mediação arte/cultura/público. Curadoria educativa: inventando conversas. *In:* MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.* 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012b. P. 61-76.

_____. Entre [con]tatos, nuvens e chuviscos mediadores. *In:* MARTINS, Mirian Celeste (Org.). *Pensar juntos mediação cultural:* [entre]laçando experiências e conceitos. São Paulo: Terracota Editora, 2014. P. 213-229.

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. *Arte, afeto e educação*: a sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MORAES, Maria Cândida; BATALLOSO, Juan Miguel. Por uma escola transdisciplinar: em busca de indicadores. *In:* MORAES, Maria Cândida. *Transdisciplinaridade, criatividade e educação:* fundamentos ontológicos e epistemológicos. Campinas: Papirus, 2015. P. 89-118.

OBRIST, Hans Ulrich. *Caminhos da curadoria.* Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Entre a prosa e a poesia:* fazeres, saberes e conhecimento na educação infantil. *In:* PILLOTTO, Silvia S. D. (Org.). Linguagens da arte na infância. Joinville: UNIVILLE, 2007. P. 30-45.

OSTROWER, Fayga. C*riatividade e processos de criação.* 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PARSONS, Michael. Dos repertórios às ferramentas: Ideias como ferramentas para a compreensão das obras de arte. *In:* FRÓIS, João Pedro. *Educação Estética e Artística*: Abordagens Transdisciplinares. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2000. P. 169-190.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa intervenção. *In:* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia:* pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs*.). Pistas do método da cartografia*: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014. V. 1.

POZZANA, Laura. Pista da Formação - A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. *In:* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs*.). Pistas do método da cartografia*: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014. V.2. P. 42-65

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (Org.). *Linguagens da arte na infância.* Joinville: UNIVILLE, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível:* estética e política. 2. ed. São Paulo: EXO experimental, Editora 34, 2009.

SADE, Christian; FERRAZ, Gustavo Cruz e ROCHA, Jerusa Machado. Pista da Confiança – O ethos na confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir. *In:* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs*.). Pistas do método da cartografia*: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014. V.2. P. 66-91

SKLIAR, Carlos. *O ensinar enquanto travessia:* linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação. Salvador: EDUFBA, 2014.

STAMM, Eliana. O tridimensional no desenvolvimento infantil. *In:* PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (Org.). *Linguagens da arte na infância.* Joinville: UNIVILLE, 2007. P.129-139.

SARAMAGO, José, *O Conto da Ilha Desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VERGARA, Luis Guilherme. *Curadoria educativa:* percepção imaginativa/consciência do olhar. ANPAP, São Paulo, 1996.

WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio. *John Dewey*. Tradução e organização de José Eustáquio Romão e Verone Lane Rodrigues. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

Referências *online*

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo?. *Revista Outra Travessia*. N. 05, 2005. Disponível em: < https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576> . Acesso em: 30 nov. 2016.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Espaço e o tempo na Educação. *Revista Ciência & Letras*, n. 43, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www4.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista43/artigo12.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016. P. 169-180.

KREIDLOW, Rogério. *Jardim Sofia é pequeno, mas cheio de solidariedade.* Jornal A Notícia. Fev. 2010. Disponível em: <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia/2010/02/jardim-sofia-e-pequeno-mas-cheio-de-solidariedade-2809188.html>. Acesso em: 4 abr. 2016.

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. *O que e como desenham as crianças?*. 2001. 193 f. Tese. (Programa de Pós-Graduação em educação)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: < http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000217853>. Acesso em: 31 out. 2016.

MUBI - Museu da Bicicleta de Joinville. Disponível em: <http://www.museudabicicleta.com.br/index2.html>. Acesso em: 30 jun. 2016.

NASCIMENTO, Rúbia Stein do. *Ecomusealização e suas possibilidades no contexto do Museu Casa fritz alt.* 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade)-Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2014. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2270233>. Acesso em: 24 set. 2016.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; MOGNOL, Letícia Coneglian. Arte-Educação: reflexões sobre espaço e arte no contexto da educação infantil. Disponível em: <http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&catid=52:arte-educacao&id=311:reflexoes-sobre-espaco-e-arte-no-contexto-da-educacao-infantil&Itemid=110>. Acesso em: 4 jul. 2016.

ROSSI, Juliana. *Artes visuais de Joinville e o blog como mediador cultural.* 2014. 203 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2014. Disponível em: <http://univille.edu.br/community/mestrado_ed/VirtualDisk.html?action=readFile&file=Dissertacao_Juliana_Rossi.pdf&current=/Dissertacoes_turma_II>. Acesso em: 24 set. 2016.

VIADEL, Ricardo Marín. Entrevista realizada por Mirian Celeste Martins. *Revista Trama Interdisciplinar*, v. 4, n.1, 2013. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/5538>. Acesso em: 7 set. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Banner da Mostra de Fotos/imagens no CEI Jardim Sofia

EXPOSIÇÃO DE FOTOS DA VIDA E OBRA DO ARTISTA FRITZ ALT: MEDIAÇÃO CULTURAL SONORA, CORPORAL E VISUAL

Essa Exposição apresenta fotografias da vida e obra do artista Fritz Alt, reconhecido pela sua trajetória artística e pelo seu legado nas artes. Conta com fotos de sete esculturas, um objeto e a casa do artista, selecionadas pela equipe de pesquisadores e preparadas de forma impressa e laminadas em papel A3.

Por meio da obra de Fritz Alt, identificamos como foi Joinville ontem e quais influências da sua obra e da sua inserção como cidadão na região de Joinville. Portanto, vendo o hoje, percebemos o que somos a partir das identidades construídas pelos outros e por nós mesmos.

As crianças do Centro Educacional Infantil Jardim Sofia e do Colégio da Univille estão tendo a oportunidade de conhecer um pouco da história e da obra de Fritz Alt através dessa exposição. Entendemos que o processo de construção de identidades inicia na infância e que adentrar no universo das artes e das culturas é fundamental para a criança, contribuindo para o seu desenvolvimento não apenas cognitivo, mas, sobretudo, sensível.

A partir desse pressuposto estaremos desenvolvendo mediação cultural, tendo a exposição como fonte inspiradora. Essa ação terá como suporte as linguagens expressivas sonoras, corporais e visuais com movimentos lúdicos, envolvendo o encontro das crianças com outras crianças, com os pesquisadores, com os professores e com a comunidade de forma geral.

As atividades propostas fazem parte de pesquisas referentes à mediação cultural, incluindo a musicalização, as artes visuais e a dança/educação como possibilidade de aprendizagem na infância. Buscam também interagir no processo de reflexão sobre outros modos de aprendizagem na infância para além dos muros escolares, tendo o Centro Educacional Infantil Jardim Sofia, o Colégio da Univille e o Museu Casa Fritz Alt como possibilidade real nessa trajetória.

A exposição fotográfica e itinerante é uma primeira etapa na trajetória de saberes e experiências das crianças. O segundo movimento está focado na ida das crianças ao Museu Casa Fritz Alt com ações de mediação cultural envolvendo as linguagens sonoras, corporais e visuais, mobilizando seus processos de aprendizagem.

Esperamos que esses encontros com a arte e a cultura possam contribuir para que sejamos seres humanos críticos, autônomos e sensíveis, vivendo consequentemente num espaço de compartilhamentos, respeito e amorosidade.

Mestrandas em Educação:

Daniela Cristina Viana
Karinna Alves Cargnin
Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon

Apoio Curatorial:

Jorge Luiz Seger Gonçalves
Silvia Sell Duarte Pillotto

Realização: Mestrado em Educação | univille | NUPAE

Parcerias: Prefeitura de Joinville – Secretaria de Educação | Fundação Cultural de Joinville | Museu Casa Fritz Alt | Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior

.

APÊNDICE B – Convite para a Mostra Infantil no Museu Casa Fritz Alt

Mestrandas em Educação:

Daniela Cristina Viana
Karinna Alves Cargnin
Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon

Orientadora:

Prof.ª Dr.ª Silvia Sell Duarte Pillotto

Mostra Infantil no Museu Casa Fritz Alt

De 7 a 30 de agosto de 2015

A Mostra é processo/resultado da pesquisa "Mediação cultural para a infância nas linguagens da Música, da Dança e das Artes Visuais" do Mestrado em Educação da UNIVILLE.

As produções artísticas e fotografias são das crianças do CEI Jardim Sofia da Rede Municipal de Educação de Joinville e do Colégio da UNIVILLE.

Rua Aubé, s/n (Servidão Fritz Alt), Boa Vista – Joinville – SC
Fone: 3433-3811

Mostra Infantil no Museu Casa Fritz Alt

Realização: Mestrado em Educação | univille | NUPAE

Parcerias: Prefeitura de Joinville | Secretaria de Educação | Fundação Cultural de Joinville | Museu Casa Fritz Alt | Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior

APÊNDICE C – Autorização de uso de imagem e som

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM

Eu,_____, RG_____ responsável legal por _____, abaixo assinado (a), autorizo nos termos da Constituição da República Federativa do Brasil, no seu capítulo X, art. 5, à Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, a utilizar minha imagem e/ou voz, diante da aprovação do material apresentado, em qualquer mídia eletrônica, falada ou impressa, bem como autorizar o uso de nome, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será para fins da pesquisa a "MEDIAÇÃO CULTURAL EM ARTES VISUAIS COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM NA INFÂNCIA – UMA EXPERIÊNCIA", sob responsabilidade da mestranda KARINNA ALVES CARGNIN e orientação da Professora Dra. SILVIA SELL DUARTE PILLOTTO, cujo objetivo é potencializar a utilização de espaços formais e não formais da educação, articulando-os a partir de ações de mediação cultural em artes visuais para a infância, tendo as unidades de educação (CEI Jardim Sofia e Colégio da Univille) e o espaço cultural Museu Casa Fritz Alt como mobilizadores desse processo de investigação sobre a aprendizagem

Assinatura: _____

Joinville, _____ de _____ de 20____.

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo solicitado (a) a participar, como voluntário (a), em uma pesquisa desenvolvida pela mestranda KARINNA ALVES CARGNIN, vinculada ao Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Práticas Educativas do Programa de Mestrado em Educação da UNIVILLE.

O objetivo dessa pesquisa é potencializar a utilização de espaços formais e não formais da educação, articulando-os a partir de ações de mediação cultural em artes visuais para a infância, tendo as unidades de educação (CEI Jardim Sofia e Colégio da Univille) e o espaço cultural Museu Casa Fritz Alt como mobilizadores desse processo de investigação sobre a aprendizagem.
Os dados serão coletados, mediante sua autorização, via anotações em um diário de bordo, registro fotográfico, registro audiovisual e atividades desenvolvidas junto às crianças.
Importante ressaltar que você terá a total liberdade de se recusar a participar das atividades propostas pela pesquisadora se de alguma maneira, se sentir constrangido(a), assim como também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência acarrete qualquer prejuízo a você.
Destacamos ainda que a participação nesta pesquisa é opcional e que representa riscos ou desconfortos mínimos. Assim, como não implicará em recebimentos ou ressarcimentos de qualquer ordem.
Em caso de recusa ou de desistência em qualquer fase da pesquisa, você, como já mencionado, não será penalizado (a) de forma alguma. De igual modo, é importante lembrar que você terá direito a esclarecimentos sobre a pesquisa em qualquer momento, sendo sempre garantido o sigilo de identidade e de informações confidenciais. Esses dados da pesquisa ficarão sob responsabilidade da pesquisadora sob um período de cinco anos, após o qual serão devidamente destruídos.
Lembramos ainda que, a participação de seu filho/a será de suma relevância para o cumprimento do objetivo proposto na pesquisa; sendo que os benefícios dessa pesquisa serão de âmbito acadêmico e profissional para o campo das Políticas Públicas e Práticas Educativas para a cidade de Joinville. Nesse sentido, os resultados deste estudo, poderão ser apresentados em congressos, periódicos científicos e eventos promovidos na área de ciências humanas, para tanto, peço a sua anuência.
Em caso de dúvida, você poderá procurar a professora orientadora desta pesquisa Profª Drª Silvia Sell Duarte Pillotto no Programa de Mestrado em Educação da UNIVILLE, pelo telefone (47) 3461-9077 ou no seguinte endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário - Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco A, sala A227. Bem como, a pesquisadora, pelo telefone (47) 99166319.
Se você tiver alguma dúvida a ser esclarecida sobre a ética que envolve a referida pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), pelo telefone: (47) 3461-9235 ou no endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário – Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco B, sala B 31.
Após ser esclarecido sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

CONSENTIMENTO
Eu, Jorge L. Seger Gonçalves, RG 3.135.512, no cargo/função de Diretor do Museu Casa Fritz Alt, declaro ter sido suficientemente informado (a) e concordo em participar de forma voluntária da pesquisa descrita acima.

Joinville, 07 de abril de 2015.

Jorge L. Seger Gonçalves
Participante

Karinna Alves Cargnin
Pesquisadora Responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo solicitado (a) a participar, como voluntário (a), em uma pesquisa desenvolvida pela mestranda KARINNA ALVES CARGNIN, vinculada ao Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Práticas Educativas do Programa de Mestrado em Educação da UNIVILLE.

O objetivo dessa pesquisa é potencializar a utilização de espaços formais e não formais da educação, articulando-os a partir de ações de mediação cultural em artes visuais para a infância, tendo as unidades de educação (CEI Jardim Sofia e Colégio da Univille) e o espaço cultural Museu Casa Fritz Alt como mobilizadores desse processo de investigação sobre a aprendizagem.
Os dados serão coletados, mediante sua autorização, via anotações em um diário de bordo, registro fotográfico, registro audiovisual e atividades desenvolvidas junto às crianças.
Importante ressaltar que você terá a total liberdade de se recusar a participar das atividades propostas pela pesquisadora se de alguma maneira, se sentir constrangido(a), assim como também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência acarrete qualquer prejuízo a você.
Destacamos ainda que a participação nesta pesquisa é opcional e que representa riscos ou desconfortos mínimos. Assim, como não implicará em recebimentos ou ressarcimentos de qualquer ordem.
Em caso de recusa ou de desistência em qualquer fase da pesquisa, você, como já mencionado, não será penalizado (a) de forma alguma. De igual modo, é importante lembrar que você terá direito a esclarecimentos sobre a pesquisa em qualquer momento, sendo sempre garantido o sigilo de identidade e de informações confidenciais. Esses dados da pesquisa ficarão sob responsabilidade da pesquisadora sob um período de cinco anos, após o qual serão devidamente destruídos.
Lembramos ainda que, a participação de seu filho/a será de suma relevância para o cumprimento do objetivo proposto na pesquisa; sendo que os benefícios dessa pesquisa serão de âmbito acadêmico e profissional para o campo das Políticas Públicas e Práticas Educativas para a cidade de Joinville. Nesse sentido, os resultados deste estudo, poderão ser apresentados em congressos, periódicos científicos e eventos promovidos na área de ciências humanas, para tanto, peço a sua anuência.
Em caso de dúvida, você poderá procurar a professora orientadora desta pesquisa ProfªDrª Silvia Sell Duarte Pillotto no Programa de Mestrado em Educação da UNIVILLE, pelo telefone (47) 3461-9077 ou no seguinte endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário - Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco A, sala A227. Bem como, a pesquisadora, pelo telefone (47) 99166319.
Se você tiver alguma dúvida a ser esclarecida sobre a ética que envolve a referida pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), pelo telefone: (47) 3461-9235 ou no endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário – Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco B, sala B 31.
Após ser esclarecido sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

CONSENTIMENTO
Eu, MICHELLE FERNANDES, RG 3.359.360, no cargo/função de COORDENADORA PEDAGÓGICA, do **Centro de Educação Infantil – CEI Jardim Sofia**, declaro ter sido suficientemente informado (a) e concordo em participar de forma voluntária da pesquisa descrita acima.

Joinville, 8 de ABRIL de 2015.

Participante

Karinna Alves Cargnin
Pesquisadora Responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo solicitado (a) a participar, como voluntário (a), em uma pesquisa desenvolvida pela mestranda KARINNA ALVES CARGNIN, vinculada ao Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Práticas Educativas do Programa de Mestrado em Educação da UNIVILLE.

O objetivo dessa pesquisa é potencializar a utilização de espaços formais e não formais da educação, articulando-os a partir de ações de mediação cultural em artes visuais para a infância, tendo as unidades de educação (CEI Jardim Sofia e Colégio da Univille) e o espaço cultural Museu Casa Fritz Alt como mobilizadores desse processo de investigação sobre a aprendizagem.
Os dados serão coletados, mediante sua autorização, via anotações em um diário de bordo, registro fotográfico, registro audiovisual e atividades desenvolvidas junto às crianças.
Importante ressaltar que você terá a total liberdade de se recusar a participar das atividades propostas pela pesquisadora se de alguma maneira, se sentir constrangido(a), assim como também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência acarrete qualquer prejuízo a você.
Destacamos ainda que a participação nesta pesquisa é opcional e que representa riscos ou desconfortos mínimos. Assim, como não implicará em recebimentos ou ressarcimentos de qualquer ordem.
Em caso de recusa ou de desistência em qualquer fase da pesquisa, você, como já mencionado, não será penalizado (a) de forma alguma. De igual modo, é importante lembrar que você terá direito a esclarecimentos sobre a pesquisa em qualquer momento, sendo sempre garantido o sigilo de identidade e de informações confidenciais. Esses dados da pesquisa ficarão sob responsabilidade da pesquisadora sob um período de cinco anos, após o qual serão devidamente destruídos.
Lembramos ainda que, a participação de seu filho/a será de suma relevância para o cumprimento do objetivo proposto na pesquisa; sendo que os benefícios dessa pesquisa serão de âmbito acadêmico e profissional para o campo das Políticas Públicas e Práticas Educativas para a cidade de Joinville. Nesse sentido, os resultados deste estudo, poderão ser apresentados em congressos, periódicos científicos e eventos promovidos na área de ciências humanas, para tanto, peço a sua anuência.
Em caso de dúvida, você poderá procurar a professora orientadora desta pesquisa ProfªDrª Silvia Sell Duarte Pillotto no Programa de Mestrado em Educação da UNIVILLE, pelo telefone (47) 3461-9077 ou no seguinte endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário - Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco A, sala A227. Bem como, a pesquisadora, pelo telefone (47) 99166319.
Se você tiver alguma dúvida a ser esclarecida sobre a ética que envolve a referida pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), pelo telefone: (47) 3461-9235 ou no endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário – Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco B, sala B 31.
Após ser esclarecido sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

CONSENTIMENTO
Eu, Cilene Dill, RG 6909340, no cargo/função de Professora da turma 1º Período, do **Centro de Educação Infantil – CEI Jardim Sofia**, declaro ter sido suficientemente informado (a) e concordo em participar de forma voluntária da pesquisa descrita acima.

Joinville, 31 de março de 2015.

Cilene Dill
Participante

Karinna Alves Cargnin
Pesquisadora Responsável

APÊNDICE E – Cartas de Anuência

Joinville – SC, 31 de março de 2015

Carta de Anuência

Declaro pra os devidos fins que o Museu Casa Fritz Alt está ciente e concorda em participar da pesquisa intitulada "Mediação cultural em artes visuais como possibilidade de aprendizagem na infância – uma experiência", cujo objetivo é potencializar a utilização de espaços formais e não formais da educação, articulando-os a partir de ações de mediação cultural em artes visuais para a infância, tendo as unidades de educação (CEI Jardim Sofia e Colégio da Univille) e o espaço cultural Museu Casa Fritz Alt como mobilizadores desse processo de investigação sobre a aprendizagem. A participação será através da execução da proposta de mediação cultural.

Diretor do Museu Casa Fritz Alt

Museu Casa Fritz Alt
Endereço: Rua Aubé, s/nº (Servidão Fritz Alt) - Boa Vista – Joinville, SC
Telefone: 47 3433 - 3811
E-mail: fritzalt@joinvillecultural.com.br

Joinville – SC, 31 de março de 2015

Carta de Anuência

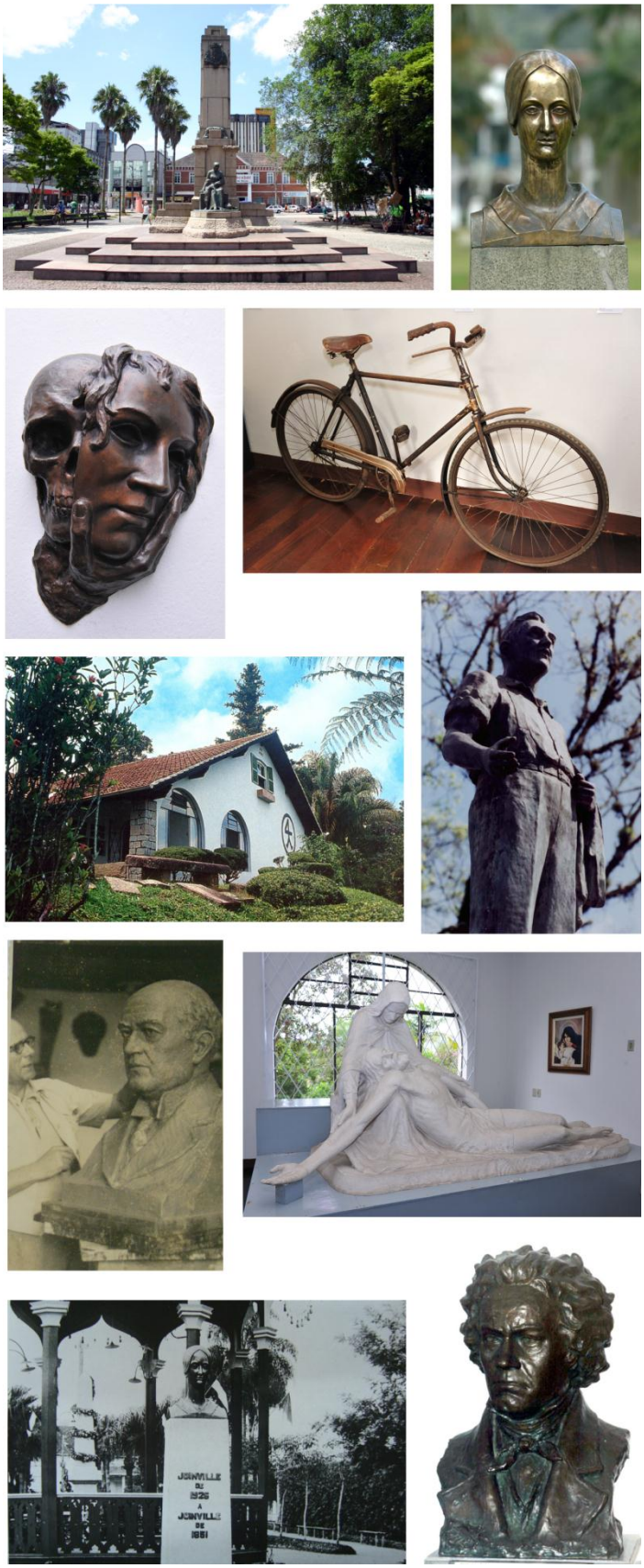
Declaro pra os devidos fins que o Centro de Educação Infantil - Jardim Sofia está ciente e concorda em participar da pesquisa intitulada "Mediação cultural em artes visuais como possibilidade de aprendizagem na infância – uma experiência", cujo objetivo é potencializar a utilização de espaços formais e não formais da educação, articulando-os a partir de ações de mediação cultural em artes visuais para a infância, tendo as unidades de educação (CEI Jardim Sofia e Colégio da Univille) e o espaço cultural Museu Casa Fritz Alt como mobilizadores desse processo de investigação sobre a aprendizagem. A participação será através da execução da proposta de mediação cultural.

Professora Adriane da Silva
Diretora do CEI – Jardim Sofia

Centro de Educação Infantil – Jardim Sofia
Endereço: Rua Cuba, nº 85 – Jardim Sofia – Joinville, SC
Telefone: 47 3435 - 3446
E-mail: cei.sofia@ig.com.br
Site: http://ceijardimsofia.blogspot.com

ANEXOS

ANEXO A – Fotos/imagens da vida/obra de Fritz Alt



Fonte: Acervo cedido pelo Museu Casa Fritz Alt.